



INSTITUTO POLITÉCNICO DE BEJA



Escola Superior de Educação

Mestrado em Desenvolvimento Comunitário e Empreendedorismo

PROJETO DE INTERVENÇÃO

Competências Empreendedoras nos Jovens do Ensino Profissional

Rita de Jesus Mestre

Beja

2019

Escola Superior de Educação

Mestrado em Desenvolvimento Comunitário e Empreendedorismo

Competências Empreendedoras nos Jovens do Ensino Profissional

**Projeto de Intervenção de Mestrado apresentado na Escola Superior
de Educação de Beja, do Instituto Politécnico de Beja**

para obtenção do grau de Mestre

Elaborado por:

Rita de Jesus Mestre

Orientado por:

Professora Doutora Maria Cristina Campos de Sousa Faria

Beja

2019

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar à minha orientadora, Professora Doutora Maria Cristina Faria, pela disponibilidade e apoio demonstrados, sempre com uma palavra de motivação na hora certa.

À Diretora da Escola onde decorreu o estudo, pela autorização para a realização do mesmo.

Aos meus colegas da Escola Profissional, pela ajuda, apoio e carinho que me dispensaram ao longo deste projeto.

À minha amiga Christine, pelo apoio.

Agradeço à Alice, minha amiga de todas as horas, obrigada por me deixares existir na tua vida.

À minha mãe e ao meu irmão, pois a eles devo tudo o que sou, agradeço todo o carinho, amor e atenção que me continuam a dedicar. Obrigada por acreditarem.

Ao meu marido, meu porto de abrigo.

Aos meus sobrinhos Lourenço e Vitória, por me ensinarem a ver a vida através dos seus olhos, de forma simples, alegre e descomplicada e por me fazerem perceber que é possível amar sempre mais.

Competências Empreendedoras nos Jovens do Ensino Profissional

RESUMO

O presente estudo tem como principal objetivo perceber a existência de competências empreendedoras nos alunos do ensino profissional. A investigação decorreu numa Escola Profissional do Baixo Alentejo, situada na NUT III (Nomenclatura de Unidades Territoriais) – Alentejo Litoral, participaram neste estudo 108 alunos do ensino profissional e 1 professor especialista, considerado com conhecimentos relevantes para a temática em estudo. No estudo foram consideradas cinco dimensões de análise: 1) caracterização dos participantes; 2) perspetivas futuras de profissão; 3) motivação para continuar os estudos; 4) criação da própria empresa e 5) criação de uma disciplina de empreendedorismo.

Os dados foram recolhidos com recurso à aplicação do questionário de Perspetivas Futuras da Profissão e do Questionário de Competências Empreendedoras aplicado aos alunos, bem como da entrevista feita ao professor especialista. A informação recolhida durante a investigação permitiu perceber que os alunos do ensino profissional possuem competências empreendedoras, que lhes possibilita ter ideias empreendedoras e construtivas mas que no entanto revelam depois fragilidades em algumas dessas competências, pelo que se torna importante tomar medidas dentro da Escola para que as possam desenvolver e potenciar de forma a utilizar essas mesmas competências para a orientação do seu futuro de vida, projetando-o de forma adequada, positiva, objetiva e motivada para um futuro positivo, devendo tornar-se empreendedores da sua vida transformando-a numa empresa de sucesso.

Com base nas evidências do estudo foi elaborada uma proposta de projeto de intervenção denominada “Projeto de Vida & Empreendedorismo nos Jovens do Ensino Profissional” direcionada para os alunos da Escola Profissional, que visa o desenvolvimento de uma disciplina na estrutura curricular, que contemple 1) o desenvolvimento de competências pessoais e de florescimento dos jovens; 2) organização de um projeto de vida; 3) competências empreendedoras e 4) criação de um projeto de aptidão profissional empreendedor.

PALAVRAS-CHAVE: Jovens, Empreendedorismo, Ensino Profissional, Educação Empreendedora; Projeto de Vida.

Entrepreneurial Skills in Professional Education Students

ABSTRACT

This paper has the main objective of trying to understand the existence of entrepreneurial skills in professional education students. The investigation took place in a Professional school in Lower Alentejo, situated in NUT III – Alentejo Litoral. The study was carried out within a sample universe of 108 students and one specialist teacher, with relevant knowledge in what regards the theme of the study.

The study considered five dimensions of analysis: 1) characterization of the participants; 2) future career prospects; 3) motivation for further education; 4) creation of personal businesses and 5) development of an Entrepreneurial Skills subject.

Data was collected through the application of two questionnaires to students, titled “Future Career Prospects” and “Students’ Entrepreneurial Skills” and through the interview to the specialist teacher.

The information gathered during the investigation allowed us to understand that Professional Education students do have entrepreneurial skills that allow them to have constructive entrepreneurial ideas. However, those skills later reveal considerable fragilities. Therefore, it becomes apparent that it is important to take action within the school universe to allow the students to develop and enhance them so as to utilize those skills as guidance lines to their future professional lives, projecting it in a guided, positive and objective way, motivating them to a bright future as entrepreneurs of their own lives, as a successful venture.

Based upon the evidence from this study, the author created the proposal for an intervention project titled “Life Projects & Entrepreneurial Skills for Professional

Education Students”, aimed at the students of the Professional School, which hopes to create and implement a new subject within the curriculum, covering the following areas:

1) the development of personal growth skills for the young; 2) organizing a Life Project; 3) Entrepreneurial Skills; 4) the creation of a Professional Aptitude Project based on the principles of entrepreneurial activities.

KEYWORDS: Young people, Entrepreneurial, Professional Education, Entrepreneurial Education; Life Project.

ÍNDICE GERAL

Índice de Gráficos.....	10
Índice de Quadros.....	10
Índice de Tabelas.....	10
Índice de Figuras.....	11
Lista de Acrónimos.....	11
Introdução.....	12
PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	16
1 – Empreendedorismo e Inovação.....	16
2 – Desenvolvimento de competências empreendedoras.....	19
2.1 – Educação Empreendedora.....	21
3 – Os Jovens e o Projeto de Vida.....	25
3.1 – Orientação vocacional e profissional.....	25
4 – Caracterização do ensino profissional.....	30
<i>PARTE II – ESTUDO EMPÍRICO.....</i>	36
5 – Metodologia.....	36
5.1 – Participantes.....	37
5.2 – Instrumentos.....	38
5.3 – Procedimentos.....	43
6 – Apresentação dos resultados.....	44
6.1 – Questionários aplicados aos alunos.....	44
6.1.1 – Caracterização dos Participantes (alunos).....	44

6.1.2 – Perspetivas Futuras da Profissão	50
6.1.3 – Motivação para a Continuação dos Estudos	51
6.1.4 – Motivação para a Criação da Própria Empresa	53
6.1.5 – Criação de uma Disciplina de Empreendedorismo	54
6.1.5 – Questionário de Competências Empreendedoras (QCE).....	55
6.3 –Entrevista aplicada ao Professor.....	57
7 – Discussão dos resultados	59
PARTE III – PROJETO DE INTERVENÇÃO	64
8 – Projeto de vida & empreendedorismo nos jovens do ensino profissional.....	64
8.1 – Fundamentação do projeto	64
8.2 – Objetivos	66
8.3 – Público-Alvo.....	67
8.4 – Recursos	68
8.5 – Planificação das atividades.....	68
7.6 – Avaliação do Projeto.....	74
Conclusão.....	77
Bibliografia	80

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Género dos participantes	45
Gráfico 2: Alunos por ano de escolaridade.....	46
Gráfico 3: Alunos por curso.....	47
Gráfico 4: Profissão do pai.....	48
Gráfico 5: Profissão da mãe	49
Gráfico 6: Setor da empresa de família	50
Gráfico 7: Motivação para continuar os estudos	52
Gráfico 8: Tipo de empresa.....	54
Gráfico 9: Criação da disciplina de empreendedorismo	54
Gráfico 10: O que deveria ensinar a disciplina de empreendedorismo	55

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1: Estrutura da Unidade Curricular.....	70
Quadro 2: Planificação das atividades	73

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1: Profissão que gostariam de seguir.....	51
Tabela 2: Profissão mais provável que venham a ter	51
Tabela 3: Intenção de continuação dos estudos.....	52
Tabela 4: Motivos para a criação da própria empresa	53
Tabela 5: Tabela de Competências Empreendedoras	56

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: Projetos Finais da Unidade Curricular.....	74
Figura 2: Avaliação do desenvolvimento de competências empreendedoras, adaptado (Fontes, 2016).....	75

LISTA DE ACRÓNIMOS

CTeSP – Curso Superior Técnico Profissional

FCT – Formação em Contexto de Trabalho

GETAP – Gabinete para o Ensino Tecnológico Artístico e Profissional

NUT – Nomenclatura de Unidades Territoriais

PAP – Prova de Aptidão Profissional

PP – Pré-Projeto

PV – Projeto de Vida

QCE – Questionário de Competências Empreendedoras

QNQ – Quadro Nacional de Qualificações

TPA – Técnico de Produção Agropecuária

TTAR – Técnico de Turismo Ambiental e Rural

TT – Técnico de Turismo

INTRODUÇÃO

Os jovens da sociedade contemporânea vivem em ambientes tecnológicos, que lhes permitem o acesso à informação, ao conhecimento e à atualidade em tempo record. Muitos dos jovens não tomam consciência da importância do desenvolvimento de competências a desenvolver ligadas ao ser, ao pensar, ao sentir, ao interagir humano e ao empreender um projeto de vida. Por isso, observa-se que os jovens embora com capacidades cognitivas apresentam-se desmotivados e desinteressados para as tarefas que a escola e a sociedade lhes propõe comprometendo a construção do seu projeto de vida. Face a esta realidade é preciso encontrar estratégias e soluções que promovam o envolvimento dos jovens na escola permitindo-lhes o apoio ao desenvolvimento do seu projeto de vida pessoal, académico e profissional. O bem-estar pode ser ensinado na escola por três motivos: 1- combater a depressão; 2- Promover a satisfação com a vida; 3 – promover a aprendizagem e o pensamento criativo. Os estudos mostraram que os programas de bem estar podem ser desenvolvidos na escola a 3 níveis: 1- promover aptidões e robustez; 2 – produzir melhorias mensuráveis no bem estar e comportamento dos estudantes; 3 – facilitar o envolvimento dos alunos na aprendizagem e realização (Seligman, Ernst, Gillham, Reivich, Linkins, 2009, cit. Faria 2017). Seligman (2012), refere boas práticas orientadoras para ensinar o bem estar em que os principais objetivos pretendem apoiar os alunos na identificação dos seus pontos fortes de carácter específico no sentido de aumentar a utilização desses pontos fortes na sua vida quotidiana, isso é o que se entende por pedagogia positiva.

A psicologia enquanto ciência que estuda o comportamento humano surgiu com base em três objetivos fundamentais: reparar os problemas das pessoas, prevenir a ocorrência de problemas e reforçar as forças e os aspetos positivos das pessoas (Luthans,2002, cit.

Cunha 2007). De acordo com Martin Seligman (2012), é preciso direcionar a psicologia, alertando para o lado positivo, isto é para uma psicologia positiva, direcionada ao estudo das forças, das virtudes e dos aspetos mais positivos da vida, com vista ao desenvolvimento da autorealização e do significado de vida das pessoas já saudáveis e felizes (Seligman & Csikzentmihalyi, cit. Cunha, 2000). O autor aposta no florescimento humano em todas as idades, dando a possibilidade a cada um de encontrar um projeto de vida significativo e uma vida com bem estar. No seu livro “Flourish” Martin Seligman (2011), sugere uma compreensão visionária da felicidade e do bem-estar. Para florescer o indivíduo tem de possuir determinadas características e nem todos têm as competências certas para alcançar bem-estar. Por conseguinte é preciso estar atento e levar por diante uma *Educação positiva na Escola* que prepare os alunos para florescer e serem felizes. (Faria, 2017). Neste seguimento é preciso preparar os jovens através de uma pedagogia positiva e empreendedora motivando-os desde cedo para o seu florescimento, para florescer o indivíduo deve apresentar características nucleares (emoções positivas, envolvimento, interesse, significado, propósito) e características adicionais (autoestima, otimismo, resiliência, vitalidade, autodeterminação e relações positivas), (Seligman, 2012, cit. Faria, 2017).

O empreendedorismo é uma disciplina que tem vindo a adquirir cada vez mais valor ao longo do tempo, na qual convergem uma série de competências que devem começar a ser adquiridas, valorizadas e potenciadas durante as várias fases de ensino e aprendizagem devendo começar logo desde as fases iniciais ainda na idade pré-escolar (Cunningham; Zibulsky; Callaham, 2009; Mullineaux; Thomson; Deckard; Pettrill, 2008). Quanto mais cedo os indivíduos forem capacitados e tomarem consciência das suas capacidades empreendedoras e aprendam a trabalhá-las, maior probabilidade de sucesso, Cunningham; Zibulsky; Callaham (2009).

O desenvolvimento de competências empreendedoras implica entre muitas outras coisas, inovação, planeamento e mudança, utilizando de forma eficiente os recursos para a capacitação dos indivíduos, tudo isto com base numa educação construtiva, (Ilie, 2014).

Na investigação que se apresenta o tema tratado são as “competências empreendedoras nos jovens do ensino profissional”. Optou-se por este tema, pois o ensino profissional tão vocacionado para o mundo do trabalho e para a capacitação dos alunos é uma mais-valia no que se refere à potenciação das competências empreendedoras destes jovens. Segundo Dornelas, “Empreendedorismo é o envolvimento de pessoas e processos que, em conjunto, levam a transformação de ideias em oportunidades. E a perfeita implementação destas oportunidades leva à criação de negócios de sucesso.” (Dornelas, 2005, p.39), por outro lado, o ensino profissional, é um tipo de ensino que tem vindo a ganhar cada vez mais importância ao longo dos últimos anos, principalmente a partir de 2005 quando foi alargado às escolas secundárias. É um tipo de ensino que tem como característica principal a sua forte motivação em preparar os alunos para o mundo do trabalho, sem no entanto perderem a possibilidade de caso o desejem ingressarem no ensino superior. Valoriza o desenvolvimento de competências, com vista ao exercício de uma profissão de forma articulada com o setor empresarial local, valoriza a aprendizagem do saber fazer e ajuda a transformar jovens estudantes em jovens empreendedores. O empreendedor é alguém com determinadas habilidades e competências para criar projetos e negócios, dos quais obtém resultados positivos, são as pessoas envolvidas nos projetos de empreendedorismo, os criativos e dinamizadores destas ideias.

O empreendedorismo relaciona-se com o ensino profissional quase de forma complementar, o ensino profissional fornece os empreendedores, e o empreendedorismo

a técnica. O estudo de caso foi elaborado numa escola profissional do Alentejo Litoral, no distrito de Setúbal, onde existe um aumento da necessidade de mão-de-obra e de empresas prestadoras de serviços, devido à crescente procura turística da região bem como ao desenvolvimento agrícola da mesma. O Alentejo dispõe de uma quantidade de recursos que distingue esta região de todas as outras do país, o que a torna também por isso mais atrativa tanto para quem a visita como para quem nela vive, que com a devida atenção e preparação, conseguirá encontrar variadíssimas formas de aproveitar essas potencialidades a seu favor.

Considerando que o objetivo é o de investigar as competências empreendedoras dos jovens do ensino profissional, de modo a aplicar posteriormente o conhecimento retirado do estudo para a melhoria da motivação, das perspetivas de futuro profissional ou da continuação dos estudos, neste seguimento surge a questão de partida: Quais as competências empreendedoras dos jovens do ensino profissional? é com base nesta questão que será orientado o estudo.

Assim e como base na questão estabelecida, foram propostos vários objetivos de estudo, para melhor se dar resposta à questão de partida, objetivos esses que a seguir se descrevem: a) Caracterizar os participantes; b) Identificar perspetivas futuras de profissão; c) Conhecer a motivação para continuarem os estudos; d) Identificar se existem perspetivas da criação da própria empresa/emprego; e) Perceber o seu interesse na existência de uma disciplina de empreendedorismo na escola e o que deveria ensinar.

O presente estudo, divide a sua estrutura em quatro partes distintas: Primeira parte – Enquadramento teórico, com base na análise bibliográfica recorrendo a diversos autores, onde serão tratados os seguintes temas: Empreendedorismo e Inovação; Ensino Profissional; Competências Empreendedoras; Os Jovens e o projeto de vida – orientação

vocacional. Segunda Parte – Apresentar-se-á o Estudo Empírico, com a metodologia de estudo onde serão apresentados os participantes, instrumentos e procedimentos utilizados para a realização do estudo, assim com a análise dos resultados obtidos. Na terceira parte – Apresenta-se a proposta de Projeto de Intervenção, baseada na análise dos resultados recolhidos e para concluir na quarta parte, são expostas as considerações finais do estudo.

PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1 – Empreendedorismo e Inovação

Vive-se na atualidade um ambiente cada vez mais competitivo, tanto em termos de emprego, mas também a nível educacional e empresarial, pelo que, o empreendedorismo e a inovação assumem-se cada vez mais como pilares fundamentais para instituições e empresas, contribuindo para a diferenciação, gestão e capacitação crescente e contínua.

Na perspetiva de Sarkar (2010), o empreendedorismo é a implementação de ideias, criação de valor, inovação e a criação de novas organizações.

Para Dornelas (2014), estamos na era do empreendedorismo, e cada vez mais, são os empreendedores que criam os seus postos de trabalho, inovam, eliminam barreiras, globalizam e renovam os conceitos económicos. Ainda segundo Dornelas (2014), os empreendedores são pessoas diferenciadas, com motivações singulares, e apaixonadas pelo que fazem, que procuram ser reconhecidas, imitadas e referenciadas.

Empreendedores, são pessoas diferenciadas, que não se deixam limitar pelo risco ou pelo receio de falhar, que contribuem para o desenvolvimento económico. Para um

crescimento económico devidamente sustentado são pressupostos elevados níveis de capacitação e qualificação, que devem ter crescente articulação entre a parte produtiva de uma empresa/negócio e o conhecimento de quem gere ou desenvolve o produto, ou seja, criar, desenvolver, manter ou potenciar um negócio/empresa está diretamente ligado à capacitação dos agentes envolvidos, só assim podemos falar em inovação.

Com base no Parlamento Europeu (2016), pode-se dizer que o empreendedorismo é de vital importância para a recuperação económica, o crescimento, a criação do emprego, a inclusão, a redução da pobreza, a inovação e a competitividade. O empreendedorismo relaciona-se assim com a capacidade de inovação, quanto maior for essa capacidade, maior a capacidade de diferenciação do negócio, maior a iniciativa e criatividade, potenciando o emprego e o crescimento económico. Com base no que foi dito no Parlamento Europeu (2016), o espírito de iniciativa e empreendedorismo é reconhecido na área da educação como uma das oito competências chave para a aprendizagem ao longo da vida, pois considera-se essencial para uma sociedade atual com base no conhecimento.

Conforme se verifica através da análise documental, e da opinião dos vários autores, o empreendedorismo gera riqueza, aumento de capital, crescimento económico, contribui para o desenvolvimento das regiões, no entanto para que se verifiquem estes benefícios, é necessário que exista também uma grande e crescente aposta na educação para o empreendedorismo. Pois apesar de existirem indivíduos que possuem de forma mais ou menos inata características empreendedoras, de nada lhes servirão estas características se não souberem o que fazer com elas. Assim é cada vez mais urgente a aposta na capacitação de indivíduos empreendedores, que podem fazer a diferença criando novas empresas e inovando em novas áreas de negócio, acrescentando diferenciação em

empresas de família, criando novos postos trabalho e contribuindo para o desenvolvimento do território onde se encontram inseridas.

Segundo Faria (2010), visão, adaptabilidade, persuasão, confiança, competitividade, assunção de risco, honestidade, perseverança, disciplina, organização e compreensão, iniciativa, trabalho independente, trabalho de grupo, trabalho sob pressão, aptidões de comunicação, gestão de tempo, adaptabilidade, atenção ao detalhe, sentido de responsabilidade, tomar decisões e planejar, coordenar e organizar, são competências determinantes para o empreendedorismo e intraempreendedorismo, não só na atividade profissional, mas para as diferentes dimensões da vida, os indivíduos possuem determinadas competências que se forem estimuladas, treinadas e potenciadas permitirão que se afirmem como empreendedores. O ser empreendedor é alguém com capacidade para identificar uma oportunidade, para desenvolver projetos e ideias que rentabilizem recursos, que potencia a inovação seja através da criação de uma nova empresa num nicho de mercado diferenciado ou através de fatores de diferenciação introduzidos em empresas já existentes que podem até ser da própria família, mas que por algum motivo se encontrem estagnadas. Sarkar (2010), defende que as organizações com maior capacidade de sobrevivência a curto, médio e longo prazo seriam aquelas que encontrassem outros meios para desenvolver as suas atividades, que conseguissem formar equipas ou grupos de trabalho com o objetivo de iniciar ações intraempreendedoras. Pode-se assim afirmar que empreendedorismo, inovação e intraempreendedorismo são conceitos que se complementam e que contribuem para o sucesso de projetos e ideias de negócio, pois segundo Pinchot (2004), pode-se caracterizar o intraempreendedorismo, através de ações de aceleração da inovação dentro das organizações, que estimulam os colaboradores com características empreendedoras a desencadear ideias originais e inovadoras. O intraempreendedor, em vez de criar o

seu próprio negócio, tem a iniciativa de inovar, de criar e procurar novas e melhores oportunidades de negócio para a organização em que se insere e para os seus colegas de trabalho (Grebel, 2004). Todos estes conceitos se interligam e complementam, pois um empreendedor pode ser ambos (empreendedor e intraempreendedoras), ou apenas um, criando e fazendo progredir negócios e ideias no território onde as desenvolve trazendo assim benefícios para todos os que se vêm envolvidos neste tipo de projetos tudo isto de forma inovadora gerando competitividade.

Pode-se então afirmar que o empreendedorismo potencia de forma indiscutível o desenvolvimento de territórios, a economia local, criando postos de trabalho, diretamente relacionado com a inovação, diferenciação, tudo isto contribui para a capacitação de indivíduos que potencialarão as suas capacidades empreendedoras e contribuirão indiscutivelmente para o crescimento e aumento da riqueza do local onde desenvolvem as suas atividades.

2 – Desenvolvimento de competências empreendedoras

Segundo Sarkar (2010), considera-se relevante que o indivíduo apresente competências que lhe permitam identificar e avaliar uma oportunidade, definir um conceito de negócio, identificar os recursos necessários, adquirir esses recursos e implementar o negócio. Contudo nem todas as pessoas desenvolvem iniciativas com o intuito de se tornarem empreendedoras, mas caso o indivíduo queira poderá sê-lo, não que seja um processo fácil, mas porque pode ser estudado, estimulado e desenvolvido com sucesso. Como foi apresentado anteriormente com Sarkar, o empreendedor deve possuir uma série de competências que poderão ser trabalhadas e potenciadas para se tornar num empreendedor de sucesso.

Conforme (Dornelas, 2003), os empreendedores são pessoas muito determinadas, que desejam conquistar novos espaços, desenvolver novos produtos e criar novos procedimentos, ambicionam o sucesso e o poder. São apaixonados pelo que fazem e utilizam a sua criatividade, as suas capacidades de gestão e os seus conhecimentos com a intenção de descobrir novas formas de inovar possíveis de trazer vantagens para o seu negócio. Todos os indivíduos podem ser empreendedores mas no entanto nem todos pretendem sê-lo, mas para os indivíduos que o fazem é necessário ter presente que a atividade empreendedora segundo Caetano, Santos & Costa (2012), é um processo dinâmico que implica uma articulação proactiva entre as seguintes dimensões: 1- oportunidades de negócio; 2- indivíduos com potencial empreendedor; 3- contexto sociocultural e económico propiciador da inovação e da assunção de riscos. Assim segundo (Faria, 2018), quando os indivíduos sejam eles estudantes, formadores ou investidores, pretendem envolver-se em atividades empreendedoras deverão saber se estão diante de condições e potencialidades económicas, pessoais e sociais favoráveis ao empreendedorismo.

Segundo os autores anteriores todos os indivíduos possuem uma mente empreendedora, mas será que esta só desperta quando devidamente estimulada para o desenvolvimento e capacitação de certas competências? Com base no livro *“Five Minds for the Future”*, Gardner defende a existência de cinco mentes específicas necessárias para uma personalidade saudável e para que futuramente a mesma funcione de forma eficaz, são: 1- a mente disciplinada (o domínio das principais correntes de pensamento (incluindo ciências, matemática e história) e de pelo menos um ofício); 2- a mente sintetizadora (capacidade de integrar ideias de diferentes disciplinas ou esferas num todo coerente e comunicar essa integração a outras pessoas); 3- a mente criadora (capacidade de descobrir e esclarecer novos problemas, questões e fenómenos); 4- a mente respeitadora

(consciência e compreensão das diferenças entre seres humanos); e 5- a mente ética (cumprimento das responsabilidades de cada um enquanto trabalhador e cidadão. Duening (2008), baseia-se nesta teoria de Gardner adaptando-a a um modelo de ensino do empreendedorismo e identifica, as cinco mentes do futuro empreendedor: 1-mente identificadora de oportunidades; 2- mente criadora; 3- mente gestora do risco; 4- mente resiliente e 5- mente orientada para a ação, que em conjunto providenciam um fundamento intelectual para a educação para o empreendedorismo e para o desenvolvimento do currículo. Estarão mais aptas a enfrentar o futuro e a lidar com a adversidade as personalidades que possuam estas capacidades e que as aperfeiçoem ao longo do tempo, o que lhes permitirá serem mais eficientes frente ao imprevisto. Consequentemente pode-se afirmar que, o perfil de um empreendedor de sucesso vai muito além das suas aptidões naturais, passa pelo ensino do empreendedorismo, pelo desenvolvimento de capacidades empreendedoras, através de uma educação para a criatividade e inovação, promovendo o desenvolvimento de competências de gestão. O desenvolvimento das capacidades empreendedoras, faz do indivíduo não só um ser mais apto para gerir/criar o próprio emprego, mas também mais apto na gestão da sua personalidade e da sua vida enquanto ser individual, ajudando-o a ser um empreendedor de sucesso na sua empresa e na sua vida

2.1 – Educação Empreendedora

A importância da educação empreendedora para o desenvolvimento da nação tem sido reconhecida, em diversos países do mundo, tendo sido colocada como prioritária nas agendas e debates políticos, económicos e académicos, incluindo os mais altos níveis de discussão das Nações Unidas (UNCTAD, 2015; Lima et.al., 2015). Neste sentido, é

possível treinar diferentes dimensões e atitudes empreendedoras, entende-se que o empreendedorismo pode ser promovido através de uma cultura empreendedora, desempenhando a educação um papel fundamental (Naia, 2009)

Para Lackéus (2015), um dos motivos mais comumente apresentados pelos investigadores e especialistas para a necessidade de promoção da educação empreendedora remete para a conceção do empreendedorismo como um grande catalisador do crescimento económico e da criação de emprego (Wong, Ho & Autio, 2005, Raposo & Paço, 2011; Sánchez, 2013) .

Consideram-se quatro áreas – chave para a educação empreendedora: a) incorporação do empreendedorismo na educação e treino; b) o desenvolvimento curricular, c) o desenvolvimento do professor e d) o envolvimento com o setor privado (UNCTAD, 2011). Todas as áreas mencionadas anteriormente são de vital importância para o ensino do empreendedorismo e da mesma forma é importante que todas elas estejam interligadas pois não basta a transmissão de novos conhecimentos aos alunos, não basta que os professores se mantenham em constante atualização para poderem mostrar como se faz, é importante que estes alunos treinem as suas capacidades empreendedoras através da educação, através da criação de pequenos ou grandes projetos que possam avaliar posteriormente e que tenham o apoio das empresas locais onde possam ver exatamente como é a realidade de um negócio em funcionamento.

É da recomendação da Unesco para a educação do século XXI, o aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser, pelo que a implementação e desenvolvimento de programas para a educação empreendedora seguem estas recomendações. A Unesco recomenda ainda outros aspetos relacionados com o empreendedorismo, com o objetivo de desenvolver nos estudantes a capacidade de

inovar, reter conhecimento, desenvolver projetos próprios e lidar com as mudanças. (Lopes; Teixeira, 2010). O facto de desenvolver projetos próprios, fará com que tenham um maior sentido de pertença e de querer fazer pelo que estarão mais empenhados, ambicionando por um resultado final gratificante e que caso não aconteça também lhes mostrará como é importante lidar com a frustração e com situações inesperadas, fazendo-os novamente pensar como contornar a situação para a resolução dos problemas que surjam.

Os estudos em relação à educação empreendedora são ainda insuficientes, apesar de nos últimos anos o tema empreendedorismo ter vindo a crescer e a desenvolver-se cada vez mais, no que toca à educação empreendedora persistem ainda muitas dúvidas em relação ao que esta disciplina deveria verdadeiramente ensinar e de que forma o deveria fazer. Algumas teorias defendem que para uma melhor e mais eficaz educação empreendedora é necessário primeiro que também os professores recebam formação de como transmitir esses ensinamentos pois “as pessoas costumam ser educadas para serem empregadas, e estimular o empreendedorismo neste contexto é enfrentar resistências e conflitos neste processo de mudanças, o que gera impactos para a instituição, para os docentes e para os discentes.”(Malacarne, et.al, 2014, p.29). Cabe ao professor, estimular e desenvolver a autoestima e confiança do aluno, utilizando para isso o meio em que o aluno está inserido, ou seja utilizando a realidade dos alunos, tal como Dolabela e Fillion (2013), afirmam a educação empreendedora deve ter em conta o background cognitivo, emocional e social do estudante. Só assim o aluno poderá evoluir de forma consistente sem entrar em conflito com o ambiente que o rodeia. “Cabe a todos os professores a responsabilidade de fazer com que os alunos sejam estimulados a pensar e agir com uma mentalidade empreendedora. A sala de aula, cada vez mais, tem de se transformar em laboratório de conhecimento. O assunto empreendedorismo deve

ser tratado em todos os cursos e em todos os níveis” (Guerra; Grazziotin, 2010, p.83), ou seja é preciso encarar a educação empreendedora como um processo que conduza a uma aprendizagem contínua e prática, como uma simulação do que acontece na realidade: fazendo, errando, corrigindo, fazendo, num processo contínuo em que pouco a pouco se vão aperfeiçoando os erros nos projetos a que se propõem, os alunos devem para isso ser orientados para a ação e não apenas para uma transmissão de conhecimentos teóricos, que têm tendência a ser esquecidos quando comparados com conhecimentos adquiridos através de experiências práticas vividas.

Assim e segundo os vários autores que abordados, pode-se afirmar que a educação empreendedora tem ainda um longo caminho a percorrer, mas que quando devidamente implementada trará uma quantidade de mais valias aos estudantes que ficarão mais preparados e capacitados para o mundo do trabalho. Idealmente esta temática seria transversal a várias disciplinas e não ficaria apenas isolada numa disciplina de empreendedorismo, pois todas as disciplinas se complementam e todas têm um contributo no momento da elaboração e desenvolvimento de um projeto. Deverá ser uma disciplina essencialmente prática em que o professor será um orientador que começará por propor tarefas de carácter essencialmente prático apoiando depois o aluno na resolução dessas mesmas atividades, estimulando-o a pensar, deveria ter um carácter interdisciplinar e transversal e ser aplicada ao longo de vários anos de ensino, desenvolvendo novas metodologias e práticas pedagógicas, onde o professor teria uma função de facilitador e acompanhamento de todo o processo, definindo com o aluno os objetivos da aprendizagem como base nos desejos e metas pretendidos pelos alunos.

A educação empreendedora tem sido vista como uma forma mais eficiente de criar e difundir a cultura empreendedora e a formação de novos empreendedores. Para

potenciar as características do indivíduo empreendedor, são necessárias novas formas de ensino e novas formas de relacionamento. A educação empreendedora tem um forte impacto no desenvolvimento e capacitação de jovens bem como no desenvolvimento económico de um território, pois contribui “para aumentar a qualidade da preparação e o número de jovens inovadores, proactivos e com iniciativa, tanto para trabalharem em uma organização ou atividade autónoma, quanto para criarem o seu próprio negócio. Em ambas as condições, o resultado é um impacto socioeconómico relevante.”(Guerra; Grazziotin, 2010; Lima et. al., 2014).

3 – Os Jovens e o Projeto de Vida

3.1 – Orientação vocacional e profissional

Os jovens da atualidade apresentam muitas vezes dificuldades em definir as suas metas e objetivos para o futuro, o que poderá comprometer a futura procura de emprego e o seu desenvolvimento pessoal futuro. Para tentar colmatar estas lacunas e tentar ajudar os jovens na definição destes objetivos para o seu futuro, muitos são os autores que propõem a elaboração do “projeto de vida”, este projeto teria como objetivo o planeamento de ações do indivíduo a curto, médio e longo prazo. Cada jovem seria responsável pela construção do seu próprio “projeto de vida”.

Para Erikson (1976), o projeto de vida tem um papel central na orientação dos objetivos fundamentais de um indivíduo e, por esta razão, é considerado uma componente essencial da identidade e do bem estar individual. Assim, Erikson entende que a formulação de um projeto de vida é uma tarefa crucial de desenvolvimento. Embora relacionados, identidade e projeto de vida não são sinónimos: a identidade refere-se ao

desenvolvimento de quem se é, ao passo que o projeto de vida diz respeito ao desenvolvimento do que se espera realizar durante a vida (Bronk, 2012).

Segundo, Ortega y Gasset (1983) as circunstâncias e a vocação destacam-se como elementos essenciais da essência humana na ideia de projeto. Ambas as características são dadas a cada indivíduo. A primeira abre espaço para a liberdade de escolha individual, já a segunda oferece a opção pessoal de segui-la ou não. As circunstâncias em que cada indivíduo nasce, cresce e se desenvolve poderão condicionar sempre as suas escolhas e a sua forma de decidir o seu futuro, tal como a vocação há quem acabe por fazer dela um hobby e há quem faça da sua vocação o seu futuro profissional.

Os projetos de vida podem ser encarados como uma forma de impulsionar capacidades e ideias de futuro nos jovens, numa idade em que se apresentam tantas dúvidas. O projeto de vida ajuda-os a estabelecer objetivos e a manterem-se concentrados na forma de os alcançar, quando devidamente estabelecidos.

Com base na ideia de projetos de vida Damon (2008), formula o conceito de projetos vitais – purpose. Para o investigador, projeto vital pode ser definido como uma razão motivadora que atribui significado às metas que orientam a vida dia a dia. O autor apresenta os projetos vitais como algo a ser realizado que se orientam sempre para uma realização, para uma forma de orientação a ser seguida no curso da vida. Essa orientação pode ser material ou não material, externa ou interna, perceptível ou não, mas trata-se de uma característica necessária.

A diversidade de situações e interações das quais os jovens participam podem tornar-se fontes de projetos de vida, desde que identifiquem nesses estímulos recebidos, um

significado forte o suficiente para guiar a sua vida e que se comprometam com objetivos que ultrapassem o seu próprio interesse.

No presente estudo, foram abordados os jovens e o projeto de vida, a juventude é uma fase relevante para a identificação e realização de vida por representar um momento de escolhas relacionadas à vida profissional. Importa para isso compreender a multiplicidade de oportunidades que lhes surgem nesse momento e estar devidamente atentos para a definição dos seus objetivos.

O conceito juventude refere-se a uma categoria sociológica, que compreende a faixa etária dos quinze aos vinte e quatro anos e define-se pelo processo de preparação dos indivíduos para integrarem a sociedade, assumindo papéis de adultos na sociedade, tanto no plano familiar quanto no profissional (Silva; Lopes, 2009). Diga-se, que é uma fase formativa antes da vida adulta, durante a mesma os jovens não possuem ainda as responsabilidades da vida adulta, como se fosse um estágio para a preparação de entrada na vida adulta, seja social como intelectualmente. Durante este período os jovens têm a possibilidade de pensar sobre o futuro, de aproveitar as oportunidade que se lhes ofereçam e que vão de encontro aos seus objetivos. No entanto muitos jovens parecem perdidos, sem que consigam estabelecer objetivos futuros, sem conseguirem traçar um rumo para a sua vida. O compromisso com o futuro por meio de metas ou projetos de vida assume grande importância nesse período, pois pode contribuir para que a geração atual encontre significado na vida e busque caminhos para a realização dos seus objetivos. Perante uma atualidade, instável e repleta de oportunidades, ter metas de vida estáveis pode ser uma maneira de guiar as escolhas de cada indivíduo, buscando significados que são duradouros e capazes de ultrapassar interesses imediatos e individualistas.

Cabem aos jovens as principais iniciativas para as mudanças a implementar na sociedade e para isso a escola e o tipo de educação que proporciona tem um papel fundamental. Definir um projeto de vida depende do universo de possibilidades de cada indivíduo. A escola é parte integrante desse universo e proporciona aos estudantes diferentes experiências que podem contribuir para a identificação e realização de projetos de vida.

Para Damon (2008), a escola deve mostrar aos estudantes a relevância dos estudos para as suas vidas e orienta-los sobre as possibilidades do que querem viver, onde querem trabalhar ou de que vida pretendem levar. Desempenhando um papel fundamental, na orientação dos jovens a nível profissional e vocacional.

Para os jovens, a orientação nesta etapa da vida pode ser muito importante, uma vez que muitos não têm ainda objetivos pré definidos, podendo desviar-se de planos e projetos para o futuro. técnicas metodológicas e teóricas, utilização de instrumentos de diagnóstico em processos dinâmicos de intervenção na área. A orientação vocacional visa contribuir para a orientação dos jovens que apresentam dificuldades de escolha da carreira, possibilitando assim, facilitar este momento importante do seu desenvolvimento e da execução do projeto de vida. Com o apoio da família e da escola, se forem devidamente motivados para o autoconhecimento e para a reflexão sobre o que desejam para o futuro, terão mais hipóteses de fazer escolhas conscientes. Por isso, é fundamental que se entenda o processo de decisão profissional como consequência do conjunto das pequenas escolhas feitas até então.

Nesse contexto, a Orientação Profissional figura como um eixo fundamental do Projeto de Vida, evidencia a importância do autoconhecimento para uma tomada de decisão mais consciente e objetiva. A “Orientação Vocacional” traz a ideia de que cada um de

nós nasce com dom, com uma vocação para a qual deverá despertar mais cedo ou mais tarde, a “Orientação Profissional” remete para um modo abrangente de identificar os percursos profissionais mais adequados ao perfil de cada indivíduo.

A orientação profissional é uma prática social capaz de estimular os jovens a pensar na construção de seu futuro, para a promoção da busca sobre si, da sua história, com consciência das sua situação atual, das oportunidades e exigências do mundo do trabalho, relacionando-as com as suas necessidades, como subsistência, consumo e ocupações. Quando conseguirem refletir sobre os pontos mencionados, os jovens começam a moldar o seu projeto de vida, juntamente com o projeto profissional, em consequência da percepção dos seus sonhos, desejos e ideias, em coerência com a realidade possível para o momento e com as perspectivas de futuro. (Santos, 2016)

A orientação profissional estuda a relação do homem com o trabalho e apresenta alguns pontos fundamentais para o desenvolvimento da presente discussão. Em primeiro lugar, é importante a compreensão dessa área do conhecimento, fundamentada na ideia do trabalho como constituinte do sujeito, ao mesmo tempo em que, por meio das suas ações, esse sujeito constrói e transforma a sociedade (Lane, 1997). A orientação profissional articula a relação do homem com o trabalho e tudo o que isso implica na construção de si e da sociedade, indo muito além de facilitar a escolha de uma profissão. Deve desenvolver-se de forma contextualizada, articulada com as transformações e necessidades da sociedade atual.

Conforme Lisboa (2002), a orientação profissional deve propor ao jovem uma escolha realista, contextualizada, analítica, reflexiva e crítica, que contribua para a apropriação do que seja essa realidade, de forma a ampliar os caminhos do indivíduo e da sociedade.

Ou seja, uma orientação que possibilite uma reflexão o mais ampla possível, tendo em conta o conhecimento e a análise da sociedade, uma prática que ajude os jovens a pensar, a exercitar a criatividade e a capacidade de procura.

Um cuidado acompanhamento dos jovens, atento ao meio social em que estão inseridos bem como aos seus anseios e realidade do território onde vivem, levarão a uma orientação profissional que poderá começar por ser planeada na construção do projeto de vida.

4 – Caracterização do Ensino Profissional

Segundo Santos (2016), durante os anos oitenta foram debatidos longamente todos os projetos da Lei de Bases da educação, até à aprovação da nova Lei em 1986 e assim foi criada uma comissão de reforma do sistema educativo, que estudasse a melhor forma de implementar esta nova dinâmica escolar. 1986 foi também o ano de entrada de Portugal para a União Europeia e na altura como existiam fundos destinados à qualificação dos portugueses, começou a discutir-se cada vez mais a necessidade de utilizar esses fundos para objetivos positivos. Para além da questão dos fundos europeus também a análise feita à política educativa do país, continha nas principais recomendações que se investisse na qualificação profissional dos jovens. Portugal havia saído de um período difícil para a educação, da época ditatorial em que o acesso à educação era restrito, durante décadas não existia investimento significativo na educação e formação de jovens. A entrada tardia para a União Europeia contribuiu também para este lento crescimento da educação no país. No início da década de noventa, existiam diferenças bastante significativas a nível educacional entre Portugal e outros países da Europa. Em Portugal nos anos 1985/1986, a taxa de escolarização do ensino secundário era de 17,6%, enquanto outros países da Europa apresentavam taxas de 60%, apesar de todos

os esforços envidados e de uma rápida recuperação nunca se conseguiu estar realmente próximos da média europeia. Na época tudo isto se resumia a “um fraco índice de estudos, numa mão-de-obra profundamente desqualificada, numa taxa de analfabetismo sem paralelo na Europa, em sérios estrangulamentos no acesso à educação, na deficiente qualidade dos serviços educativos, a todos os níveis, e no grave índice de insucesso escolar, particularmente no âmbito do ensino básico”. (Cerqueira & Martins, 2011, 136)

Em 1988, o Ministério da Educação cria o Gabinete para o Ensino Tecnológico Artístico e Profissional (GETAP), para reestruturar o ensino profissional. É deste Gabinete que surgem as propostas para a criação das escolas profissionais, na sua maioria, privadas, de iniciativa local, mas com o apoio do Estado. Estas escolas, oferecem maioritariamente cursos técnicos intermédios de nível 3 com equivalência ao 12º ano e possibilidade de ingressar no ensino superior.

Foi assim que em 1989 surgiram as primeiras escolas profissionais e com elas surge o ensino profissional com os cursos profissionais, que, na sua essência, se mantêm até aos dias de hoje no sistema de ensino. Estas escolas foram criadas por iniciativa do Estado, com o apoio do Ministério da Educação e do Trabalho, em parceria com vários atores sociais. O ensino profissional foi sempre considerado como uma importante forma de ensino (do saber ser ao saber fazer), a pretensão era criar “um ensino secundário que, além de “aproximar os jovens da vida ativa e do mundo do trabalho, fosse capaz de contribuir para o desenvolvimento do indivíduo enquanto pessoa e membro da coletividade”. (UNESCO; 1988, 131).

Segundo Azevedo (2009), os cursos gerais das escolas secundárias não davam resposta para a formação que muitos jovens procuravam, assim estas escolas começaram por

chamar a atenção de jovens que tinham já uma ou mais reprovações no ensino secundário e também muitos oriundos de meios socialmente mais desfavorecidos, no entanto, rapidamente, estas escolas começaram a ser procuradas como “primeira opção por jovens que transitavam do nível básico para o nível secundário de ensino e formação” (Azevedo, 2009, 28). Ainda segundo o mesmo autor, “as escolas profissionais criaram um modelo pedagógico inovador que proporcionava aos seus alunos um desenvolvimento humano global, como pessoas aptas a inserir-se de modo crítico, construtivo e personalizado na sociedade e no mercado de trabalho, com uma unidade educativa capaz de integrar teoria e prática, organização por disciplinas e por projeto, formação geral e formação profissional, escola e comunidade envolvente”. (Azevedo, 2009, 23)

Estes cursos profissionais têm essencialmente na sua constituição três áreas de formação essenciais são elas: 1 – Formação sociocultural : Português, uma língua estrangeira e Área de Integração. Esta “centra-se na aquisição de uma cultura profissional e de empresa, e define-se como instrumento de reflexão e de ação sobre os diversos contextos de vida” (Grácio, 1998, 236); 2 – Formação científica: dividida habitualmente por três disciplinas, por exemplo: matemática, química e biologia, variando consoante o tipo de curso; 3 – formação técnica: constituída pelas disciplinas da parte técnica de cada curso. Um outro aspeto diferenciador nestes cursos profissionais é o facto de todas as disciplinas se dividirem em módulos, ou seja o currículo dos cursos assenta numa estrutura modular, “unidades de aprendizagem autónomas integradas num todo coeso, que permitem a um aluno ou a um grupo de alunos adquirir um conjunto de conhecimentos, capacidades, atitudes através de experiências ou atividades de aprendizagem cuidadosamente concebidas, respeitando a diversidade dos alunos. (GETAP, 1992, 7). Este tipo de organização modular permite

respeitar os ritmos de aprendizagem de cada aluno, permitindo que cada um desenvolva o seu percurso de forma individual, mas com a possibilidade de obter aproveitamento no final do curso. Em 2004 através do Decreto-Lei no 74/2004, de 26 de março, acrescenta-se ao currículo a Formação em Contexto de Trabalho (FCT).

Para a conclusão do curso estes alunos têm ainda de realizar no último ano, a prova de aptidão profissional (PAP) surge do principal objetivo deste percurso de formação – a preparação dos jovens para a vida ativa, “esta consiste na apresentação e defesa, perante um júri, de um projeto consubstanciado num produto, material ou intelectual, numa intervenção ou numa atuação, consoante a natureza dos cursos, bem como do respetivo relatório final de realização e apreciação crítica, demonstrativo de conhecimentos e competências profissionais adquiridos ao longo da formação e estruturante do futuro profissional do aluno”. (Portaria n.º 74-A/2013, de 15 de fevereiro, Artigo 6.º).

O ensino profissional tem vindo a ganhar o seu espaço e estatuto ao longo dos anos, de forma demorada e penosa, pois apesar dos alunos do ensino profissional apresentarem elevadas taxas de conclusão dos seus cursos, este ensino foi durante muito tempo associado a classes sociais inferiores e posteriormente a alunos problemáticos já com várias reprovações no currículo e essa imagem tem vindo a ser alterada lentamente ao longo dos anos e neste momento este tipo de ensino tem vindo a crescer, a ganhar notoriedade não só devido aos seus resultados positivos, como também à sua procura por parte de alunos sem reprovações anteriores, mas que pretendem especializar-se em determinada área desde cedo, assim como devido a uma das suas características mais marcantes – o ensino de proximidade aliado à diferenciação pedagógica, ou seja, neste tipo de Escola a relação entre professores e alunos é uma relação de maior proximidade, em que o acompanhamento é constante, onde os alunos se sentem muito mais apoiados

e protegidos onde aprendem de forma adaptada ao seu ritmo pessoal. Tem vindo a ganhar cada vez mais protagonismo ao longo dos anos, principalmente desde que foi alargado em 2005 às escolas secundárias, tem assumido um papel cada vez mais importante na construção de um futuro profissional, a níveis económicos e sociais. Este tipo de ensino tem uma vertente escolar e uma vertente profissional, tal como já foi referido, une as componentes sociocultural, científica, técnica e a formação em contexto de trabalho (FCT), num mesmo curso. A FCT é vista, como um dos fatores de maior diferenciação deste tipo de ensino, pois é o primeiro contacto do aluno com o mercado de trabalho. Os cursos profissionais garantem também, graças a esta junção de componentes, uma dupla certificação ou seja, o aluno ao terminar o curso recebe um diploma do 12º ano e uma certificação profissional de nível 4 do Quadro Nacional de Qualificação (QNQ). Apesar destes cursos serem mais vocacionados para a preparação para uma profissão, os alunos podem, caso pretendam, ingressar no ensino superior, realizando para isso dois exames nacionais, o de português e outro relativo às específicas do curso pretendido. Se assim entenderem podem também ingressar num Curso Superior Técnico Profissional (CTeSP), que confere o nível 5 do QNQ e a possibilidade de transição para a licenciatura através de um regime específico.

Os alunos do ensino profissional têm para o seu futuro uma série de possibilidades atrativas, seja em relação ao mundo do trabalho como na continuação dos estudos, são alunos com um maior sentido de pertença do território onde vivem, uma vez que este tipo de ensino trabalha em estreita parceria com os diversos atores locais, públicos e privados. De acordo com o atual Ministro da educação Tiago Brandão Ferreira, o ensino profissional tem neste momento um acréscimo de alunos porque o seu valor tem vindo a ser reconhecido, oferece uma maior diversificação pedagógica, relaciona-se de forma

naturalmente próxima com os agentes locais do território onde desenvolve a sua atividade e apoia os jovens na progressão para estudos superiores. (Ferreira, 2017)

O ensino profissional potencia também a capacitação e o desenvolvimento das competências empreendedoras dos alunos, é defendido por vários autores anteriormente mencionados que estas competências se desenvolvem experienciando, errando, corrigindo, e observando também outros empreendedores já com as suas empresas em funcionamento, e o caráter prático destes cursos potencia isso mesmo. Os alunos têm a possibilidade de ao longo dos três anos do curso desenvolver diversos projetos, no âmbito das diferentes disciplinas todos eles de caráter prático, a FCT e por fim a PAP, em que os alunos têm mesmo de idealizar um projeto, negócio ou empresa, e fazer todo o seu estudo e fundamentação para o seu desenvolvimento e implementação. A aprendizagem empreendedora é um processo contínuo que facilita o desenvolvimento do conhecimento necessário para começar novos empreendimentos e administrá-los, sendo os conhecimentos advindos da experiência pessoal do empreendedor e utilizados para guiar a escolha de novas experiências (POLITIS, 2005). O aprendizado é alcançado por meio de ações, ou seja, na prática, de forma experiencial (Morrison e Seers, 2002), e advém das experiências passadas de sucesso e insucesso, da observação de outros empreendedores e de outras fontes de relacionamento (Rae, 2005). Esta aprendizagem "representa o meio pelo qual se adquire a competência, enquanto a competência representa a manifestação do que o indivíduo aprendeu" (Freitas & Brandão, 2006, p. 100).

PARTE II – ESTUDO EMPÍRICO

5 – Metodologia

O estudo que se apresenta é um estudo exploratório de caráter transversal “estabelece critérios, métodos e técnicas para a elaboração de uma pesquisa e visa oferecer informações sobre o objeto desta e orientar a formulação de hipóteses” (Cervo e Silva, 2016), de caráter qualitativo pois procede à análise de conteúdos; construção de teoria; análise de discurso. (Roesch, 1999), o ambiente natural é fonte direta para a recolha de dados, interpretação de fenómenos e atribuição de significado. E também de caráter quantitativo, uma vez que utiliza métodos estatísticos com o objetivo de traduzir em números os dados recolhidos pelo investigador.

O estudo que se apresenta, tem duas vertentes a investigação e a intervenção, o trabalho desenvolveu-se essencialmente com base na investigação no entanto foi também delineado o projeto de intervenção, o mesmo será executado e avaliado num momento futuro pois neste momento as condicionantes temporais já não permitiam chegar a esse momento.

O presente estudo tem como objetivo geral a investigação da existência de competências empreendedoras nos alunos do ensino profissional, para posteriormente possibilitar o desenvolvimento dessas mesmas capacidades com vista à melhoria da empregabilidade, da criação do próprio emprego, melhorando a qualidade do profissionalismo destes estudantes. Sendo os objetivos específicos os seguintes:

- a) Identificar as perspetivas futuras de profissão.
- b) Conhecer as motivações para continuar os estudos.
- d) Perceber se pretendem criar uma empresa/negócio.

- e) Compreender se consideram importante a criação de uma disciplina de empreendedorismo na escola.

De seguida apresentam-se os participantes, instrumentos e procedimentos que são parte desta investigação.

5.1 – Participantes

O estudo realiza-se numa Escola Profissional que se situa na região do Baixo Alentejo, mais concretamente na sub-região do Alentejo Litoral (NUT III), no distrito de Setúbal. O estudo contou com 108 alunos e um professor da Escola Profissional, com funções de assessoria à direção, diretor de curso e especialista em turismo.

A Escola dos participantes tem um total de 140 alunos dos quais 108 participaram no presente estudo, divididos pelos 3 anos (10º, 11º e 12º ano) bem como pelos 3 cursos profissionais existentes na Escola (Técnico de Agropecuária, Técnico de Turismo e Técnico de Turismo Ambiental e Rural), o que corresponde a uma percentagem de 77.14% participantes.

Os participantes na investigação foram escolhidos com base na amostragem de conveniência, uma vez que “na amostragem de conveniência utiliza-se um grupo de indivíduos que esteja disponível” (Carmo & Ferreira, 1998, p.197). O investigador sabe que “os resultados não podem ser generalizados à população à qual pertence o grupo de conveniência, mas do qual se poderão obter informações preciosas, embora não as utilizando sem as devidas cautelas e reservas.” (Carmo & Ferreira, 1998, p.197).

Após identificados os participantes identificam-se as técnicas de recolha de dados que mais se adequam à investigação e que se apresentam a seguir.

Recorreu-se à consulta de um professor especialista, uma vez que conhecia os alunos, os seus objetivos e métodos de trabalho. Este professor foi escolhido uma vez que apresenta um perfil relevante para a recolha de informação sobre o tema do estudo dado que é também, Diretor de curso, presta assessoria à direção, é orientador de FCT e de PAP, membro da equipa multidisciplinar e do Conselho Pedagógico.

5.2 – Instrumentos

“Instrumentos de pesquisa são os meios através dos quais se aplicam as técnicas selecionadas. Se uma pesquisa vai fundamentar a coleta de dados nas entrevistas, torna-se necessário pesquisar o assunto, para depois elaborar o roteiro ou formulário. Evidentemente, os instrumentos de uma pesquisa são exclusivos dela, pois atendem às necessidades daquele caso particular. A cada pesquisa que se pretende realizar procede-se à construção dos instrumentos adequados. (Andrade, 2009, 132/133)

Como forma de aprofundar a investigação utilizaram-se diferentes técnicas de recolha de dados que a seguir se descrevem: análise documental, entrevista a professor especialista, questionário de avaliação e questionário de avaliação psicológica em competências empreendedora para os alunos.

Análise Documental

Vários são os autores que defendem, que numa fase inicial o investigador deve através de uma cuidada e aprofundada análise documental fundamentar e aprofundar os seus conhecimentos acerca do tema em investigação. O objetivo é que através dessa leitura se retirem ideias para o trabalho que se está a desenvolver, pesquisando para isso estudos anteriores que tratem da problemática em causa ou que abordem temas que se

relacionam com a mesma, os quais se podem utilizar na presente investigação. Assim a análise documental envolveu o estudo e análise de um conjunto de bibliografia, por forma a estabelecer uma ligação adequada e perceptível do tema em estudo, servindo de apoio à construção do enquadramento teórico, permitindo o elo de ligação e compreensão entre os diferentes conceitos. No decorrer deste trabalho de investigação foi efetuada uma análise bibliográfica com enfoque nos temas sobre empreendedorismo e inovação, desenvolvimento de competências empreendedoras, educação empreendedora, ensino profissional e os jovens e o projeto de vida.

Questionários

Os estudos utilizam questionários que se constituem como um opção para a recolha de dados de proximidade, por isso se afirma que “De entre as diversas opções metodológicas no domínio da investigação em ciências sociais e humanas, o inquérito assume-se como sendo uma das de uso mais recorrente” (Ferreira e Campos, 2009: p.214). Segundo Quivy, o inquérito por questionário “consiste em colocar a um conjunto de inquiridos, geralmente representativo de uma população, uma série de perguntas”. Perguntas estas que podem respeitar à situação social, profissional ou familiar dos inquiridos. Reportam-se “às suas opiniões, à sua atitude em relação a opções ou a questões humanas e sociais, às suas expetativas, ao seu nível de conhecimentos ou de um problema, ou ainda sobre qualquer outro ponto que interesse os investigadores.”(Quivy e Campenhoudt, 2005: p.188). Questionário é um meio útil e eficaz para recolher informação num intervalo de tempo relativamente curto (Arturo, 2001). Um questionário é uma técnica de investigação social constituído por questões que depois se aplicam a pessoas com o intuito de recolher informações sobre

conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado (Gil, 2008).

Os questionários podem classificar-se quanto ao seu tipo de perguntas como questionário, fechado, aberto ou misto, para a realização deste estudo foram utilizados dois tipos de questionário, um de carácter fechado: as respostas são dadas com recurso a opções pré-definidas e outro de carácter misto: é constituído por perguntas fechadas e por perguntas abertas (a resposta é apresentada de maneira livre e em formato texto). (Gil, 2008).

Questionários de Perspetivas Futuras de Profissão

No âmbito da investigação em curso considerou-se importante o levantamento de dados de proximidade com os participantes, através de um questionário sobre a perspetiva futura que os jovens têm em relação à profissão. Para o efeito foi realizado um Guião de questionário. O questionário designado de “Perspetivas Futuras de Profissão” é um questionário de carácter misto e a recolha de dados realizou-se através de aplicação direta em formato papel. As dimensões consideradas foram as seguintes: 1) Caracterização dos participantes (idade, género, ano de escolaridade, profissão dos pais e escolaridade); 2) Perspetivas futuras de profissão; 3) Motivação para continuar os estudos; 4) Criação da própria empresa/negócio; e 5) Criação de uma disciplina de empreendedorismo. Foi ainda apresentado um espaço em que os entrevistados poderiam dar sugestões e realizar reflexões sobre o assunto em questão.

O guião do questionário encontra-se em apêndice (apêndice nº1), assim como o enunciado (apêndices nº2).

Questionário de Competências Empreendedoras (QCE)

Após pesquisa resolveu-se utilizar um questionário de “Competências Empreendedoras”, já existente QCE (Faria, 2010) (anexo nº1), é um instrumento de avaliação psicológica, que visa mostrar as competências empreendedoras e intraempreendedoras de cada indivíduo, possibilita posteriormente através da sua análise, a criação de projetos ou outras formas de intervenção que permitam o desenvolvimento dessas competências com o intuito de formar jovens mais aptos, mais realizados a nível pessoal e profissional, capazes de identificar e aproveitar uma oportunidade. (Faria, 2010).

“O Questionário de Competências Empreendedoras (QCE) (Faria, 2010) é um instrumento de auto-resposta, (...) no qual o respondente, depois de ler uma pequena introdução explicativa sobre a forma de preenchimento, e iniciando com “De uma maneira geral assumo-me como uma pessoa”, expressa o seu grau de concordância diante de cada afirmação apresentada através de uma escala de tipo Likert de cinco posicionamentos (1=não concordo, 2=concordo pouco; 3=concordo; 4=concordo muito e a 5=concordo muitíssimo). O instrumento conta com 36 itens. O tempo médio de preenchimento foi de cerca de 15 minutos. A pontuação total no teste para 36 itens varia de 36 a 180, e vai no sentido de maior pontuação mais competências empreendedoras. O instrumento tem sido aplicado em outros estudos e tem-se mostrado fidedigna a sua aplicação (Faria, 2010b; Faria, 2010c; Faria, 2011).” (Faria, 2018: p.32).

“ É de salientar que, ao contrário de outros instrumentos utilizados neste domínio o QCE (Faria, 2010), para além de apresentar características psicométricas bastante satisfatórias, é de fácil administração. A partir da análise da consistência interna foi obtido um $\alpha=.93$ pelo que se considera que pode ser utilizado com segurança no

domínio da investigação e de tomada de decisão na prática clínica psicológica. A análise factorial efectuada, cuja variância encontrada é de 56,79%, seleccionou sete factores: F1-Competências Criadoras; F2-Competências Realizadoras; F3-Competências de Gestão do Risco; F4-Competências

Respeitadoras; F5-Competências Identificadoras de Oportunidades; F6-Competências Orientadas para a Acção; F7-Competências para Trabalhar em Grupo;” (Faria, 2010: p.300). As competências encontradas e utilizadas no QCE (Faria, 2010) inserem-se nas dimensões empreendedoras (Competências Realizadoras; Competências de Gestão de Risco e Competências respeitadoras) e intraempreendedoras (Competências Identificadoras de Oportunidades; Competências orientadas para a acção e Competências para Trabalhar em Grupo), segundo as perspetivas de (Moreland, 2006) e (Duening, 2008). Através da utilização deste instrumento nos alunos do ensino profissional, podemos perceber qual o tipo de competências empreendedoras desta população e em quais destas competências apresentam mais dificuldades podendo assim partir para a elaboração de estratégias que visem melhorar e orientar essas competências fazendo com que tenham maior facilidade no seu futuro profissional, nas escolhas de prosseguimento dos estudos e na perspetiva do seu projeto de vida.

Entrevista

As entrevistas são muitas vezes utilizadas para recolha de dados, em investigação social. Uma entrevista não é mais do que uma conversa de carácter profissional entre duas pessoas, para que uma delas obtenha informações sobre determinado assunto. (Marconi; Lakatos, 2007). Com o objetivo de recolher informação sobre as perspetivas futuras de emprego dos jovens do ensino profissional, considerou-se relevante conhecer a visão de um membro da coordenação e direção destes cursos. Por conseguinte foi

realizado um Guião de entrevista para o efeito (apêndice nº4), que visava as seguintes dimensões: 1) Caraterização dos participantes; 2) Perspetivas futuras de profissão; 3) Motivação para continuar os estudos; 4) Criação da própria empresa/negócio; 5) Criação de uma disciplina de empreendedorismo.

A entrevista efetuada foi semidiretiva “é certamente a mais utilizada em investigação social. É semidiretiva no sentido em que não é inteiramente aberta nem encaminhada por um grande número de perguntas precisas.” (Quivy; 2005, 192). A entrevista foi aplicada a um professor especialista, foi gravada em áudio e foi reproduzido depois o seu conteúdo em Word (apêndice nº5).

5.3 – Procedimentos

Na realização da análise documental, optou-se por uma pesquisa bibliográfica com recurso à web, à Biblioteca do Instituto Politécnico de Beja e à Biblioteca Municipal de Beja, dando-se importância a estudos e investigações elaborados sobre o tema.

No que respeita à realização do estudo empírico, foram realizados inquéritos por questionário, os questionários foram aplicados de forma direta e presencial em suporte de papel. Antes da aplicação a todos os alunos intervenientes no estudo, foi feito um pré teste onde se aplicaram os questionários apenas a 6 participantes o que levou a que algumas questões fossem reformuladas. Os questionários foram aplicados mediante pedido de consentimento enviado por e-mail à Diretora da Escola e os alunos voluntariaram-se para a sua realização. Os instrumentos foram aplicados presencialmente de forma direta em sala de aula, tendo os alunos sido informados da confidencialidade dos dados. Posteriormente procedeu-se à sua análise utilizando o

Excel, tendo sido utilizado estatísticas descritivas (média, desvio padrão, mediana, mínimo, máximo e percentagem).

A entrevista realizada foi gravada em formato áudio, posteriormente transcrita e foi feita a análise de conteúdo.

6 – Apresentação dos resultados

Apresentamos de seguida os dados relativos aos questionários aplicados aos alunos e à entrevista realizada ao professor especialista.

6.1 – Questionários aplicados aos alunos

Aos alunos foram aplicados dois instrumentos um questionário sociodemográfico e o Questionário de Competências Empreendedoras (Faria, 2010).

6.1.1 – Caracterização dos Participantes (alunos)

Participaram neste estudo 108 alunos da Escola Profissional, 49 do género feminino e 59 do género masculino.



Gráfico 1: Género dos participantes

A idade dos participantes varia entre os 15 e os 22 anos, sendo a média de idades de 17.88 anos, com uma mediana de 18 anos e o desvio padrão de 1.49.

Como caracterizado no gráfico abaixo, os alunos que representam a maioria pertencem ao 12º ano com 35%, seguidos pelos alunos do 11º ano, que representam 34% e por fim o 10º ano, com 31% dos participantes no estudo.

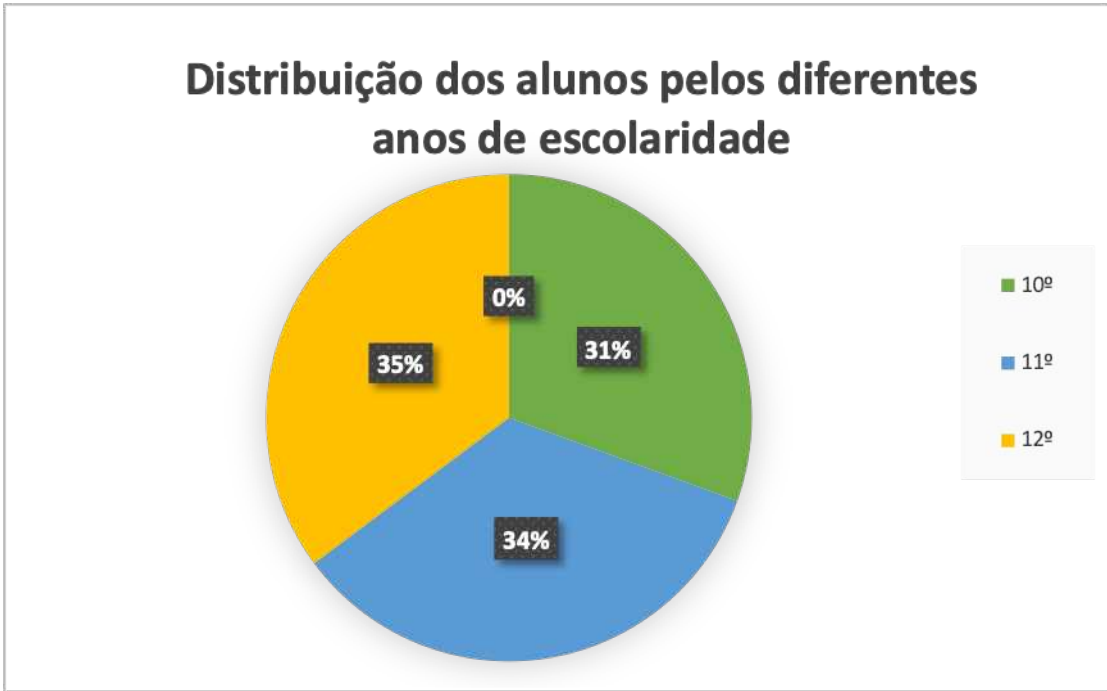


Gráfico 2: Alunos por ano de escolaridade

Os alunos encontram-se distribuídos pelos cursos de Técnico de Agropecuária (TPA) 40.74%; Técnico de Turismo (TT) 33.33% e Técnico de Turismo Ambiental e Rural (TTAR) 25.93%.

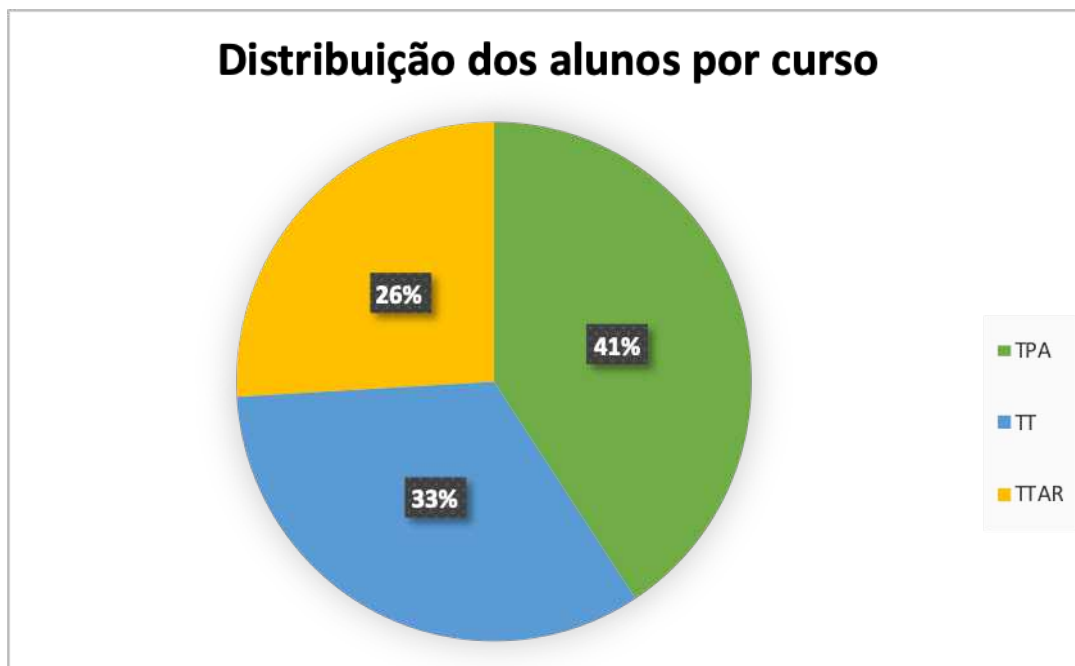


Gráfico 3: Alunos por curso

No que se refere à profissão do pai só 89 inquiridos responderam, a profissão dominante enquadra-se no setor primário como é o caso da agricultura que está representada em maioria com 8,99% dos pais a serem agricultores, logo seguida pelo empresário que representa 5,62%, assim como o motorista também com uma representação de 5,62%, pedreiros, comerciantes, pintores, padeiros e mecânicos encontram-se representados na mesma percentagem 3,37%. Com 2,25% serralheiros, camionistas, soldadores e assistentes operacionais. No gráfico surgem ainda com 40% outras profissões, como GNR, bancário, arquiteto, engenheiro civil, etc.

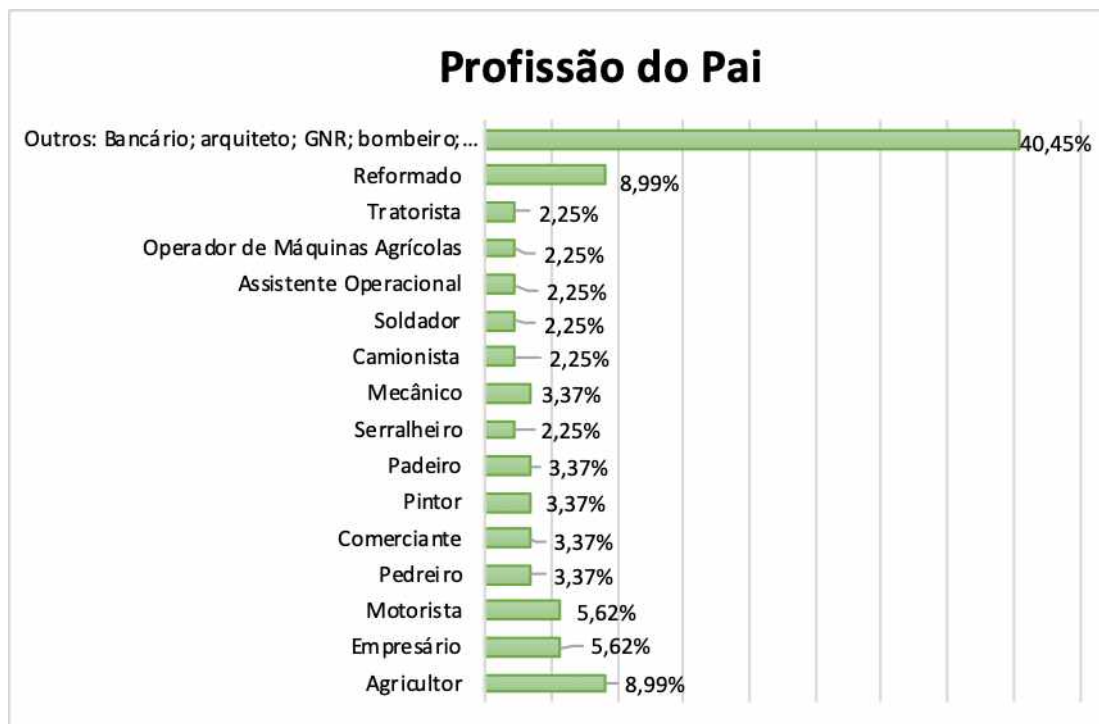


Gráfico 4: Profissão do pai

Relativamente à profissão da mãe obtiveram-se 98 respostas, a profissão mais frequente é empregada de limpeza 6,12%, auxiliar de geriatria 6,12%, auxiliar de ação médica 5,10%, empregada doméstica 4,08%, cozinheira, professora, empresária, funcionária pública, auxiliar de ação educativa, escriturária e rececionista 2,04%. As mães que estão reformadas representam a percentagem de 6,12 e verifica-se também uma elevada taxa de desemprego 14,29%.

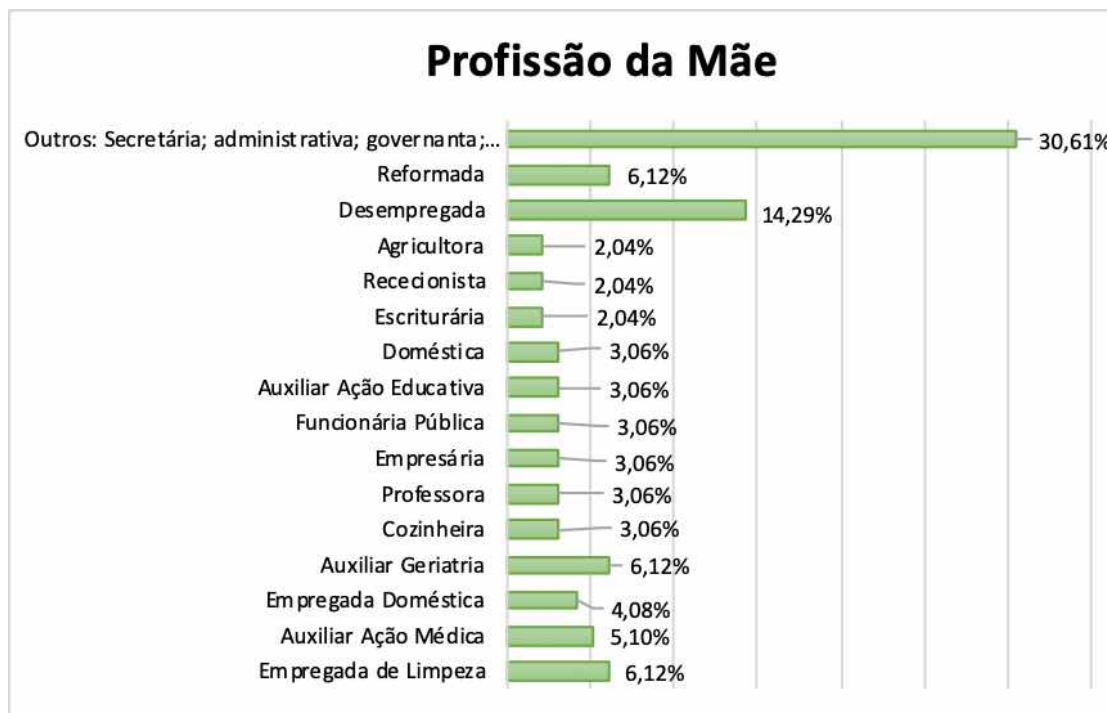


Gráfico 5: Profissão da mãe

Relativamente à escolaridade dos pais a mesma situa-se numa média de aproximadamente 4, o que significa que em média os pais têm o 10º ano, apresentam também uma mediana de 3 e um desvio padrão de 2,29. No que se refere à escolaridade das mães a mesma apresenta uma média calculada de 4,17, o que significa também que em média têm o 10º ano, com uma mediana de 3 e um desvio padrão de 1,88.

Quando questionados sobre se existem empresas ou negócios de família, 65 responderam que não, 29 responderam que sim e 14 não responderam.

No total foram contabilizadas um total de 24 empresas que se dividem pelo setor primário, secundário e terciário, sendo que são as empresas do setor primário que apresentam maior representatividade com 45,83%, seguidas pelas empresas do setor terciário 37,5% e por fim as do setor secundário com 16,66%.

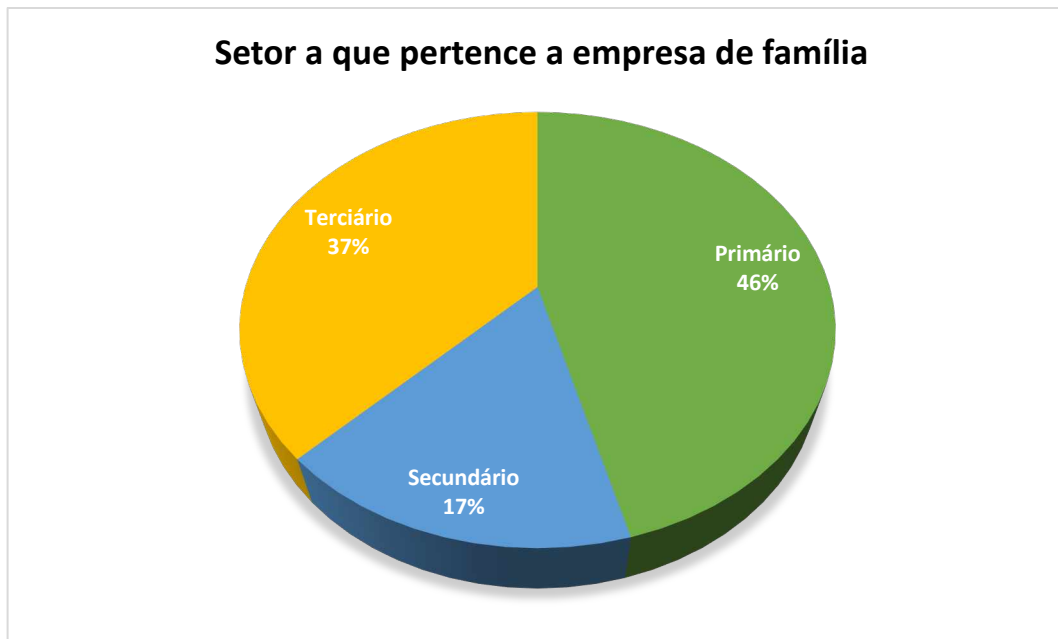


Gráfico 6: Setor da empresa de família

Relativamente à questão se gostariam ou não de seguir a tradição da família, 19 responderam que sim, 40 que não e 49 não responderam.

6.1.2 – Perspetivas Futuras da Profissão

Relativamente à profissão que gostariam de exercer no futuro apenas 58 responderam e o setor terciário é aquele que apresenta uma maior representatividade, sendo que ninguém indicou nenhuma profissão do setor secundário.

Tabela 1: Profissão que gostariam de seguir

Setor	%	Exemplo
Primário	25	Agricultura
Secundário	-	-
Terciário	75	Turismo; GNR; Veterinário; Barman; Hospedeira de bordo; Engenheiro Zootécnico.

Fonte: Própria

No entanto uma coisa é a profissão que ambicionam ou desejam ter no futuro, outra coisa é a que acham mais provável que venham a ter, apesar disso não houve uma grande discrepância em relação aos resultados anteriores.

Tabela 2: Profissão mais provável que venham a ter

Setor	%	Exemplo
Primário	24,14	Agricultura e pecuária
Secundário	-	-
Terciário	75,86	Técnico de turismo; Hospedeira de bordo; Veterinário; Engenheiro agrónomo; Engenheiro alimentar; Guarda florestal; Polícia; GNR.

Fonte: Própria

6.1.3 – Motivação para a Continuação dos Estudos

Relativamente à questão de pretenderem continuar os estudos, 39 responderam que sim pretendiam continuar a estudar, 68 responderam que não e apenas um dos inquiridos não respondeu.

Tabela 3: Intenção de continuação dos estudos

Respostas	N (nº respostas)	%
Sim	39	36,11
Não	68	62,96
Não Responde	1	0,92

Fonte: Própria

Relativamente à motivação para continuar os estudos só 23 inquiridos deram resposta, sendo que a principal motivação que apontam para continuar os estudos é a melhoria das condições de vida.

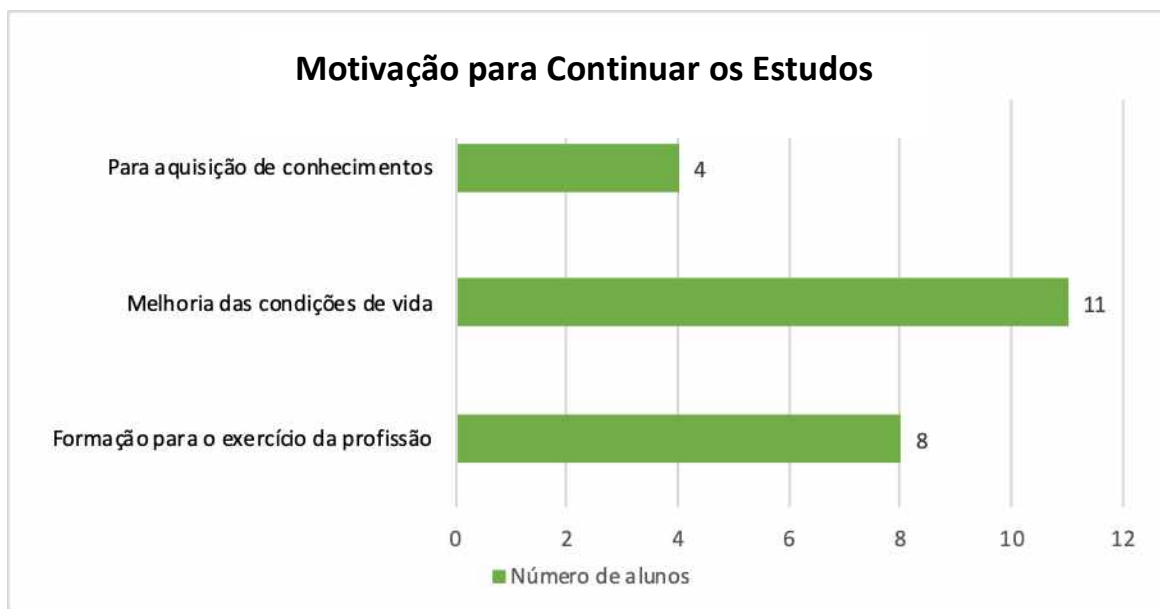


Gráfico 7: Motivação para continuar os estudos

6.1.4 – Motivação para a Criação da Própria Empresa

Quando questionados sobre a criação da própria empresa, 49 responderam que sim 57 que não pretendiam fazê-lo e 2 não responderam. Relativamente às razões que os levariam a abrir uma empresa, apenas 18 responderam no entanto indicaram como principal motivo a procura da independência.

Tabela 4: Motivos para a criação da própria empresa

Razão	N	%
Inovação	2	11,11
Independência	10	55,55
Sonho	4	22,22
Interesse na área	2	11,11

Fonte: Própria

Quando questionados sobre qual o tipo de empresa que gostariam de criar, 38 indivíduos responderam a esta questão e conforme o gráfico que a seguir se apresenta as principais áreas onde gostariam de desenvolver negócios, seria na agricultura e no turismo.



Gráfico 8: Tipo de empresa

6.1.5 – Criação de uma Disciplina de Empreendedorismo

No que se refere à criação de uma disciplina de empreendedorismo na Escola 73 alunos responderam que sim, consideravam importante, 30 responderam que não e 5 não responderam.



Gráfico 9: Criação da disciplina de empreendedorismo

Relativamente ao que deveria ensinar, responderam 38 alunos e a maioria considera que uma disciplina de empreendedorismo deveria ensinar a criar uma empresa.



Gráfico 10: O que deveria ensinar a disciplina de empreendedorismo

6.1.5 – Questionário de Competências Empreendedoras (QCE)

No estudo efetuado, relacionou-se o total da nota obtida no instrumento com o género dos participantes, assim verificou-se que para o grupo dos jovens do género masculino (n = 59; média= 122,52; desvio padrão= 22,37) enquanto para o grupo do género feminino (n= 49; média= 121,41 e desvio padrão= 18,30), mostrando assim que as mulheres parecem ter menores capacidades empreendedoras do que os homens.

Na aplicação do Questionário de Competências Empreendedoras (QCE) (Faria, 2010), obteve-se para a nota total do instrumento um mínimo =64; um máximo =172; média = 122.02; mediana = 124.50 e desvio padrão = 20.54. Podemos afirmar que a população participante no estudo apresentava na sua maioria competências empreendedoras.

Relativamente às competências empreendedoras analisadas, pode-se com base na tabela seguinte verificar que as competências mais desenvolvidas pelos alunos são as competências criadoras, as competências realizadoras e identificadoras de oportunidades. Já no que se refere àquelas onde apresentam maiores dificuldades são as competências intraempreendedoras, pode-se salientar as competências de gestão do risco, as orientadas para a ação e as competências para trabalhar em grupo as que evidenciam maiores fragilidades.

Tabela 5: Tabela de Competências Empreendedoras

COMPETÊNCIAS EMPREENDEDORAS	MÉDIA	MEDIANA	DESVIO PADRÃO
Competências Criadoras	29,23	29	5,43
Competências Realizadoras	24,95	25	4,81
Competências de Gestão de Risco	13,98	14	2,75
Competências Respeitadoras	14,44	15	2,87
Competências Identificadoras de Oportunidades	16,19	16	3,66
Competências Orientadas para a Ação	13,19	13	2,88
Competências para Trabalhar em Grupo	10,10	10	2,07

Fonte: Própria

6.3 –Entrevista aplicada ao Professor

Relativamente à entrevista a mesma foi aplicada a um professor especialista da Escola Profissional, foi analisada com base nas respostas às diferentes dimensões analisadas. Identificaram-se 5 dimensões: 1) Caraterização do Participante; 2) - Perspetivas Futuras de Profissão; 3) - Motivação para continuar os estudos; 4) - Criação da própria empresa /negócio; 5) - Criação de uma disciplina de empreendedorismo.

Dimensão 1 – Caraterização do participante:

Tem 48 anos, pertence ao género masculino, é licenciado em Informação Turística e Pós-Graduado em Turismo Património e Cultura, é professor há 25 anos.

Desempenha vários cargos na escola, nomeadamente : Diretor de curso; Assessor da Direção; orientador de FCT: Orientador de PAP; membro da equipa de imagem, da equipa multidisciplinar e do Conselho Pedagógico.

Dimensão 2 – Perspetivas futuras de profissão:

O professor afirma que para os alunos dos cursos de turismo, caso exista oportunidade irão trabalhar na área quando terminarem o curso: “(...) à saída do curso (...) se houver possibilidades de emprego eles seguem o turismo.”

No que se refere aos alunos dos cursos TPA, o professor considera que a questão do emprego é mais fácil, porque a maioria dos jovens escolhe o curso por afinidade com a área ou para trabalhar nas próprias terras: “grande parte têm já uma perspetiva do que vão fazer quando acabarem o curso, (...) trabalhar na terra da família, quer seja trabalhar num conjunto de empresas/entidades ligadas ao mundo rural”.

Dimensão 3 – Motivação para continuar os estudos:

O professor considera que aqueles que pretendem continuar os estudos são os melhores alunos e que o fazem por: “Filosofia de vida”; “Melhoria das condições de vida”; “para uma profissão”; “para uma vida digna”.

Dimensão 4 – Criação da própria empresa:

O professor admite que os alunos têm realmente as competências para o fazer, mas não terão motivação e desejo suficiente porque pensam que é muito difícil: “Acho que eles competências têm, agora a motivação e o desejo acho que é mais difícil.”; “Têm a percepção que tudo isso é muito moroso e muito complicado, em termos de financiamento e burocrático.”

A Escola e a promoção das competências empreendedoras: o professor considera que o que falta será a implementação da metodologia do trabalho de projeto. Defende que os alunos deveriam trabalhar desde o 10º ano em projetos que exijam a prática/utilização das competências empreendedoras. (“Falta uma questão que tenha a ver com a implementação da metodologia do trabalho de projeto.”; “Deveriam trabalhar, desde que entram na escola, em projetos que exigissem colocar em prática essas competências: criação de emprego, criação de oportunidades e de organização.”).

Dimensão 5 – Criação de uma disciplina de empreendedorismo na escola:

O professor, entende ser importante a criação da disciplina no entanto acha que a disciplina não deveria ser apenas teórica. Deveria trabalhar a parte motivacional, permitindo a criação efetiva de projetos, onde pudessem ver os frutos do próprio trabalho. (“Penso que sim, que poderia ser interessante.”; “No sentido de lhes dar a

motivação (...) não só ensinar as bases teóricas, mas chegar ao fim e permitir a criação efetiva de projetos onde trabalhassem e pudessem ver os frutos desse trabalho, (...) os frutos do empreendedorismo.”; “Pode ser bom para eles, enquanto trabalhadores e responsáveis do seu próprio futuro e vida profissional.”; “Ver as coisas a funcionar (...) e perceberem o que é que pode ser bom para eles.).

7 – Discussão dos resultados

No estudo participaram 108 alunos de uma Escola Profissional, a maioria dos quais do género masculino, com uma média de idades de 17,88 anos. A maioria dos alunos pertence ao 12º ano do curso de TPA.

No que se refere à profissão dos pais, os mesmos estão maioritariamente ligados ao setor primário (produção através da exploração dos recursos da natureza, não existe transformação é o caso da agricultura e da pesca), são na sua maioria agricultores. Relativamente à profissão da mãe, a maioria encontra-se no setor terciário (prestação de serviços), encontrando-se em maior número as empregadas de limpeza, auxiliares de geriatria e auxiliares de ação médica. É ainda de salientar que o grupo representado apresenta uma taxa de desemprego de 14,29%. Relativamente à escolaridade dos pais, a maioria tem o 10º ano.

A maior parte refere que não existem empresas na família, as que existem pertencem na sua maioria ao setor primário, nomeadamente, à agricultura. Na sua maioria não gostariam de seguir a tradição da família. Relativamente à profissão que gostariam de ter no futuro houve apenas 58 respostas num universo de 108 participantes e a maioria gostaria de trabalhar no setor terciário. As evidências mostram que uma parte significativa dos jovens não tem visão de futuro e não consegue fazer uma projeção

futura, não estabelece objetivos e metas. De acordo com vários autores, durante a adolescência os jovens passam por momentos de crise, estão a formar a sua personalidade, atravessam um processo de construção de identidade, surgem alterações diariamente e há um novo mundo de escolhas e oportunidades que provoca medo e indecisão. É durante a adolescência que surge o interesse pelo projeto de vida, este projeto vai ser diretamente influenciado pelas experiências dos jovens, as suas relações com os outros, com o mundo que os rodeia e até consigo próprios, envolve uma necessária descoberta de atributos pessoais e capacidades sociais. Na sociedade atual, com todos os estímulos e oportunidades que rodeiam os jovens é necessário que estes estejam focados e ocupem o seu tempo com objetivos positivos (estudar, desporto, trabalhar), para que os estímulos negativos (droga, marginalidade), não superem os positivos. Para se focarem num projeto de vida, é necessário que estabeleçam objetivos concretos e para isso basta entenderem que aquilo que desejam atualmente poderá ser o seu projeto de vida no futuro. (Nascimento, 2006; Gunther & Gunther, 1998).

As evidências mostram que relativamente à profissão que gostariam de ter e aquela que acreditam que terão, a diferença é inferior a 1%, o que nos leva a afirmar que os jovens acreditam que vão trabalhar no que gostariam.

Relativamente à intenção de continuar os estudos, a maior parte afirmou que não pretendia fazê-lo e os que pretendem continuar a estudar apontam como motivação a melhoria das condições de vida, porque consideram importante a formação para o exercício da profissão ou para a aquisição de novos conhecimentos o que conseqüentemente os poderá motivar para a criação da própria empresa. Cerca de 45,37% dos alunos afirmam que têm intenção de criar uma empresa e apontaram como

principais motivações a independência e a concretização de um sonho. Na sua maioria escolheriam uma empresa agrícola ou ligada ao turismo.

Na sua maioria (67,59%), os alunos consideraram importante a criação de uma disciplina de empreendedorismo na escola, que os ensinasse entre outras coisas, a criar uma empresa, como gerir uma empresa, empreendedorismo e a prepará-los para o mundo do trabalho.

Procuram evoluir em relação à profissão dos pais, apesar de quererem continuar os estudos pretendem fazê-lo muitos deles na área dos pais. Não é aliás à toa, que a profissão mais relevante nos pais seja a agricultura e que os alunos quando questionados em relação à criação de uma empresa, a área que mais se destaca é também a agricultura. Procuram progredir, através de uma formação e de estudos mais aprofundados para poderem acrescentar valor e inovação às empresas familiares.

No que toca aos resultados do QCE (Faria, 2010), os jovens apresentam realmente competências empreendedoras medianas, no entanto, apresentam fragilidades em algumas delas, nomeadamente, ao nível das competências para o trabalho em grupo, competências de gestão do risco e competências orientadas para a ação. Sendo nas competências para o trabalho de grupo onde apresentam maiores fragilidades.

De acordo com a entrevista ao professor especialista, o mesmo considera que relativamente à criação da própria empresa, os alunos são efetivamente dotados de competências empreendedoras para o fazer no entanto falta-lhes a motivação. A criação de uma disciplina de empreendedorismo seria importante na medida em que trabalharia com os alunos de forma prática, motivando-os e capacitando-os, para se sentirem ocupados e felizes enquanto trabalham. Mostrando-lhes que o trabalho compensa

quando vissem os projetos concluídos, afastando-se um pouco da teoria, ou seja, uma disciplina que demonstrasse, que ensinasse a fazer experienciando, errando, corrigindo para que aprendam a lidar com a frustração, algo a que os jovens da atualidade não estão habituados. Uma disciplina que os ajudasse a treinar a resiliência, o saber esperar é importante, não querer os resultados antes do fim, que os treinasse para a empatia, pois é isso que falta para as capacidades do trabalho em grupo. Para trabalhar em grupo é necessária muita empatia, é necessário que se consigam colocar no lugar do outro, é preciso que se adaptem ao ritmo mais lento ou mais rápido de cada um. Quando o grupo estiver devidamente treinado funcionará corretamente pois uns conseguirão colmatar as falhas dos outros, quando atingirem essa plenitude terão finalmente percebido que o trabalho em grupo é uma mais valia fundamental.

Quer os alunos quer o professor chamam a atenção da relevância da criação de uma disciplina de empreendedorismo de proximidade com o mundo do trabalho que vise o desenvolvimento de competências empreendedoras e intraempreendedoras.

“O desafio de desenvolver competências empreendedoras em contexto escolar é então o desafio de formar indivíduos responsáveis pelo seu próprio futuro e pelo futuro das comunidades em que vivem. É também o desafio de romper com uma cultura da dependência e passividade e de fazer com que o indivíduo se aproprie da autonomia que lhe é inerente (Cordeiro et al., 2006; Dolabela, 2002a). Filion (2006) complementa esta ideia, defendendo que o importante, em todos os casos, era a capacidade de incluir, no sistema escolar, o hábito de conceber e implementar projetos. Esta questão é reforçada por Caggiano, Oliveira e Ragusa (2012) quando defendem que o empreendedorismo pode ser desenvolvido na escola através de um conjunto de atividades complementares que possibilitem oportunidades e que incrementem as possibilidades de aprendizagem

para lá dos muros da própria escola, sendo então importante desenvolver metodologias de ação que permitam às comunidades escolares, planejar e concretizar os seus próprios caminhos e ações que permitam tal finalidade.” (Santos, 2016: p.61)

Segundo Lackéus (2015) a educação empreendedora não deverá apenas incidir, na criação de novos negócios e empresas, mas que deverá desenvolver atividades práticas e proactivas que permitam aos alunos tornarem-se mais criativos, orientados, preparados mais inovadores, aderindo a uma definição mais abrangente e relevante para todas as áreas da vida.

Uma vez que os participantes do estudo evidenciam uma falta de projetos futuros, ou seja, muitos deles não têm um projeto de vida, não sabem o que querem fazer quando terminarem o curso, criar uma disciplina de carácter essencialmente prático que dê respostas às dúvidas destes jovens, que os consiga orientar de forma a que consigam desenvolver o seu projeto de vida numa primeira fase, parece-nos uma mais valia que os vai beneficiar e lhes vai proporcionar a aquisição de competências empreendedoras.

Face aos resultados apresentados parece ter sentido criar um projeto que possibilite capacitar os jovens de competências pessoais e profissionais que lhes permitam perspectivas positivas futuras ao nível do seu projeto de vida e da realização pessoal e profissional.

PARTE III – PROJETO DE INTERVENÇÃO

8 – Projeto de vida & empreendedorismo nos jovens do ensino profissional

8.1 – Fundamentação do projeto

O florescimento dos jovens encontra-se enquadrado na psicologia positiva que quando “aplicada ao contexto escolar evidencia como determinadas forças de caráter são oportunidades de crescimento para os alunos permitindo-lhes alcançar o seu pleno potencial. Os estudos mostram que o otimismo e o pessimismo desempenham um papel importante na adaptação à escola”. (Faria, 2017, 21)

Para que isto possa acontecer, para que os jovens vejam a escola com maior otimismo e conseqüentemente o próprio futuro é necessário educar para esse efeito, educar positivamente, neste caso para a capacitação empreendedora de cada um, educar para o saber-fazer, educar para que se tornem jovens com iniciativa e que possam traçar os seus próprios objetivos de aprendizagem com base nas competências que mais precisam desenvolver.

Não serão necessariamente competências empreendedoras que os levarão a criar o próprio emprego, poderão desenvolver essas mesmas competências para gerirem a própria vida socialmente e de forma correta e positiva focada no futuro, educando-os para seres empáticos e resilientes que sabem aguardar a altura certa de agir, de aproveitar oportunidades, de se saberem colocar no papel do outro, de perceberem que em grupo poderão ser mais criativos e ambiciosos pois existirá uma maior dinâmica de trabalho e geração de ideias. É uma questão de os educar para o futuro de forma a que

eles possam ser agentes interventivos nessa aprendizagem e os professores os possam orientar de encontro aos objetivos desejados.

Na opinião de Lackéus (2015), nos contextos educativos, a introdução do empreendedorismo e as abordagens de educação para o empreendedorismo são relevantes essencialmente para alunos do ensino secundário, pois através desses contextos educativos deixa-se que os jovens criem valor o que faz com que através dessas tentativas promovam eles próprios o desenvolvimento de competências empreendedoras, independentemente do sucesso desses projetos ou não, importa pois a motivação com que o fazem e o retorno positivo que receberão.

No contexto do ensino profissional os estudos são ainda raros, o que faz com que se tenham por base alguns estudos relativos ao ensino secundário com os quais se pode estabelecer algum paralelismo.

O projeto de intervenção “Projeto de Vida & Empreendedorismo nos Jovens do Ensino Profissional”, destina-se aos jovens do ensino profissional de 10º, 11º e 12º ano da escola onde foi feito o estudo, não significando por isso que futuramente o mesmo não possa vir a ser aplicado em outras Escolas Profissionais.

Cada vez mais o empreendedorismo começa a impor-se na sociedade, por isso urge que os jovens estejam despertos para essa realidade cada vez mais cedo. Para isso, é necessário que a cultura empreendedora, o estímulo para a criação do próprio emprego e o estímulo à projeção do futuro comecem a ser transmitidos nas escolas cada vez mais cedo, através de uma pedagogia empreendedora.

A aquisição e consolidação de competências empreendedoras fará com que os jovens trabalhem de forma mais autónoma futuramente, com que estejam mais aptos para o

mundo profissional e para a elaboração do seu projeto de vida. Quanto mais cedo forem estimulados para o desenvolvimento de competências, mais oportunidades terão de as colocar em prática.

Este projeto implica um aprofundamento das dimensões intrínsecas à educação para o empreendedorismo, ambicionando o desenvolvimento de indivíduos mais empreendedores, capazes de criar valor em vários domínios da sociedade e em diferentes contextos de vida. Como resultado final deste projeto formativo, os alunos estariam habilitados para a criação de novos negócios, mas seriam também indivíduos empreendedores, capazes de criar crescimento e valor em todos os domínios da sociedade (Davidsson & Honig, 2003; Obschonka, Silbereisen, Schmitt-Rodermund & Stuetzer, 2011; Redford, 2008; Stuetzer, Obschonka & Schmitt-Rodermund, 2012, cit. Fontes, 2016).

Pretende-se com este projeto de intervenção capacitar os jovens para que sejam pessoas mais interventivas na sua própria vida, para que quando questionados quanto às suas perspetivas de futuro estejam mais envolvidos no seu projeto de vida. Este projeto possibilita o desenvolvimento de competências empreendedoras e intraempreendedoras que lhes permita a organização da sua mente empreendedora e a estruturar o seu futuro. Permite a construção do seu projeto de vida de forma consciente e potenciando o desenvolvimento de uma carreira.

8.2 – Objetivos

Objetivo geral

O “Projeto de Vida & Empreendedorismo nos Jovens do Ensino Profissional” visa a criação de uma disciplina de empreendedorismo enquadrada na estrutura curricular de

cada curso que contemple o desenvolvimento de competências empreendedoras e intraempreendedoras em particular competências de Gestão de Risco, Orientadas para a Ação e de Trabalho em Grupo.

Objetivos específicos:

Os objetivos específicos são os seguintes:

- 1 – Desenvolvimento de competências pessoais e de florescimento dos jovens;
- 2 – Desenvolvimento de competências empreendedoras;
- 3 – Desenvolvimento de competências intraempreendedoras;
- 4 – Organização de um projeto de vida;
- 5 – Criação de um projeto de aptidão profissional empreendedor.

A disciplina de empreendedorismo é desenvolvida em três anos e tem como principal preocupação envolver os alunos neste percurso formativo. No primeiro ano visa a construção do Projeto de Vida (PV). No segundo ano o desenvolvimento de um Pré-Projeto Profissional (PP) e empreendedor e por fim no terceiro ano a realização de um Projeto de Aptidão Profissional (PAP) consciente.

8.3 – Público-Alvo

Destina-se a alunos a partir do 10º até ao 12º, terão idades aproximadas compreendidas entre os 15 e os 22 anos. A disciplina é ministrada no âmbito de cada ano de escolaridade.

8.4 – Recursos

Para a organização do projeto consideramos nesta proposta os seguintes recursos:

- a) Liderança do projeto: Professor especialista em empreendedorismo;
- b) Os recursos humanos serão constituídos por uma equipa multidisciplinar: Professor especialista na área, Professor de apoio; Diretor de curso e Psicólogo, todos estão habituados a trabalhar com este público-alvo; a equipa multidisciplinar, não será uma equipa estática, podendo sempre que possível entrar um professor de área específica para desempenhar um papel de orientador.
- c) Em termos de recursos materiais: Sala de aula, Sala de informática, Biblioteca escolar, cadernos, canetas e lápis, projetor.

8.5 – Planificação das atividades

O projeto de intervenção “Projeto de Vida & Empreendedorismo nos Jovens do Ensino Profissional”, irá ser preparado e executado pelos seguintes profissionais: Professor especialista em empreendedorismo, Professor de apoio, Diretor de curso e Psicólogo. Estes profissionais constituirão uma equipa multidisciplinar, para a organização da execução do projeto tendo em conta a área em que cada um irá atuar e em que fase do projeto.

Será elaborada uma planificação do projeto, para a sua posterior aplicação, assim como a estrutura da unidade curricular que irá decorrer durante os três anos do curso no 10º, 11º e 12º ano.

Esta unidade curricular terá momentos distintos durante os três anos do curso, sendo que no 10º ano, terá uma abordagem direcionada para a construção do projeto de vida,

com orientação nesse sentido, apoio a nível vocacional e orientação para a organização e desenvolvimento do trabalho.

No 11º ano, continuará a trabalhar as competências empreendedoras de cada um, mas já mais direcionada para o desenvolvimento de um Projeto de Aptidão Profissional Empreendedor já que para a conclusão do curso é necessário que todos alunos desenvolvam esse tipo de trabalho. A diferença é que com esta unidade curricular poderão começar a trabalhar nesse projeto muito mais cedo, estabelecendo ideias, testando-as, experimentando em projetos mais pequenos. Durante este ano a disciplina é totalmente de carácter prático em que serão feitos vários workshops de trabalho, tendo sempre o professor disponível como orientador para o trabalho, transformando-se o projeto numa caminhada baseada na pedagogia positiva com vista a aprimorar as ideias, até chegar à ideia que será a final, realizam um pré- projeto que será o trabalho de final do ano letivo do 11ºano.

No 12º ano, a unidade curricular continuará a ser essencialmente de carácter prático, baseada em aulas práticas, fase de testes e simulações para o projeto final a desenvolver e apresentar.

Assim pretende-se a criação de uma disciplina de empreendedorismo de carácter essencialmente prático, que será dividida por módulos durante os três anos do curso sendo que no primeiro ao existem 3 módulos e nos restantes 1 módulo em cada ano.

A disciplina começará por ser implementada a uma turma de 10º ano e tendo seguimento progressivo com a turma conforme a transição de ano letivo, uma vez que se entende que será uma mais valia começar no 10º para que depois nos restantes anos os participantes possam dar continuidade aos projetos e aprendizagens que iniciarem no

10ºano e assim sucessivamente. O quadro seguinte representa, a divisão da unidade curricular durante os três anos do curso, a duração de cada módulo e os conteúdos que se pretendem lecionar.

UNIDADE CURRICULAR – disciplina de Empreendedorismo		
10º Ano	11º Ano	12º Ano
Empreendedorismo I	Empreendedorismo II	Empreendedorismo III
<p>Módulo 1 – Empreendedorismo (10 tempos – 8 horas)</p> <ul style="list-style-type: none"> - Introdução ao Empreendedorismo através de grupos de trabalho e brainstorming <p>Módulo 2 – Educação Empreendedora (10 tempos – 8 horas)</p> <ul style="list-style-type: none"> - Objetivos da educação empreendedora criados/decididos pelos alunos - Área vocacional - Orientação vocacional - Orientação para o Projeto de Vida <p>Módulo 3 – Projeto de Vida (24 tempos – 20 horas)</p> <ul style="list-style-type: none"> - Workshops de trabalho - Debate de ideias - Construção do Projeto de Vida - Apresentação do Projeto de Vida 	<p>Módulo 4 – Oficinas de Trabalho (36 tempos – 30 horas)</p> <ul style="list-style-type: none"> - Orientação para o trabalho em grupo; - Criatividade e geração de ideias; - Técnicas de geração de ideias; - Projetos interativos desenvolvidos em grupo - Técnicas de geração de ideias; - Fase testes de pré-projeto - Elaboração e apresentação do pré-projeto 	<p>Módulo 5 – Projeto (36 tempos – 30 horas)</p> <ul style="list-style-type: none"> - Construção do Projeto de Aptidão Profissional Empreendedor - Defesa do projeto.

Quadro 1:Estrutura da Unidade Curricular

A disciplina que se pretende desenvolver, tem como principal objetivo ser de caráter essencialmente prático como já anteriormente referido, os alunos desempenham um papel fundamental no que respeita à orientação do projeto uma vez que a disciplina vai decorrer ao longo dos três anos do curso e em cada ano terá resultados de trabalho distintos. Pretende-se que sejam os jovens a delinear os objetivos de aprendizagem que irão de encontro aos seus interesses e cabe ao professor orientá-los nesse sentido. A intenção não é que o professor transmita todos os conteúdos sobre as matérias em causa, mas sim fazer com que os alunos em conjunto consigam delinear métodos de trabalho e estudo que vão de encontro às aprendizagens necessárias, experienciando.

Para isso serão desenvolvidas uma série de atividades que pretendem ir de encontro aos interesses dos jovens, no entanto o que está projetado para a disciplina poderá a qualquer momento ser adaptado apesar de ter sido projetado de forma aberta e flexível.

Entre as atividades propostas existe a intenção de realizar saídas de campo e visitas a empresas locais, para que os alunos possam ver em tempo real como funciona uma empresa.

É também intenção que em grupo de trabalho e para além do trabalho individual que é suposto que cada um desenvolva durante cada ano letivo, o grupo projete uma microempresa, trabalho esse que seria transversal aos 3 anos do curso e que estaria apto a ser implementado no último ano, pois através da execução e implementação do mesmo os alunos conseguiriam observar o fruto do seu trabalho, do seu esforço, a parte real o que os motivaria ainda mais durante o decorrer da disciplina.

Para a elaboração do projeto deverão basear-se nas oportunidades que os rodeiam e que na maioria das vezes não são devidamente identificadas, mas que constituem em várias

situações boas oportunidades de negócio podendo para isso utilizar como base a técnica pedagógica do design thinking: processo iterativo de três passos, a ser desenvolvido em grupo, em que ao mesmo se propõe: 1) deixar-se inspirar pelo mundo que os rodeia através da observação do mesmo, em busca de problemas e oportunidades; 2) desenvolver brainstormings à volta de ideias possíveis para conceitos que possam ajudar as pessoas; 3) testar essas ideias através da criação de protótipos.

É uma técnica pedagógica que permite aos professores despertar a aprendizagem e a criatividade dos alunos, sendo, por isso, mais uma das técnicas, práticas e ferramentas ao dispor da educação empreendedora para a promoção da transferência e da contextualização das aprendizagens (Lackéus, 2015).

O quadro abaixo representa algumas das atividades que serão desenvolvidas durante os três anos do curso e quais os métodos utilizados para a sua realização, no entanto e como já referido a planificação do projeto encontra-se aberta a possíveis alterações ou adaptações.

Atividades a desenvolver		
Atividade	Recursos	Desenvolvimento da atividade
Construção do Projeto de Vida	<ul style="list-style-type: none"> - Sala de aula; - Sala de informática; - Projetor; - Folheto informativo 	<ul style="list-style-type: none"> - Produção de um portefólio de competências; - Intervenção em grupo; - Workshops de trabalho, orientados para o trabalho em grupo. - Visitas de estudo para contacto com empresas locais - Diário de acontecimentos positivos da vida diária
Preparação de elaboração de um Pré-Projeto de Aptidão Profissional empreendedor	<ul style="list-style-type: none"> - Sala de aula; - Sala de informática; - Projetor; - Caderno; 	<ul style="list-style-type: none"> - Aulas práticas; - Estudo de temas de interesse; - Apresentações em grupo; - Apresentações individuais; - Utilização de questionários. - Diário de acontecimentos positivos da vida diária
Elaboração de um Projeto de Aptidão Profissional empreendedor.	<ul style="list-style-type: none"> - Sala de aula; - Sala de informática; - Projetor; - Caderno; - Exterior. 	<ul style="list-style-type: none"> - Aulas práticas; - Apresentações individuais; - Workshops de trabalho orientado; - Visitas de estudo para contacto com empresas locais - Saídas de campo

Quadro 2: Planificação das atividades

No esquema abaixo, é possível observar os projetos finais que os alunos terão de apresentar no final do ano letivo, estes projetos serão o resultado final de uma série de componentes, trabalhos e simulações que decorrerão em cada ano letivo.

Projetos Finais da Unidade Curricular

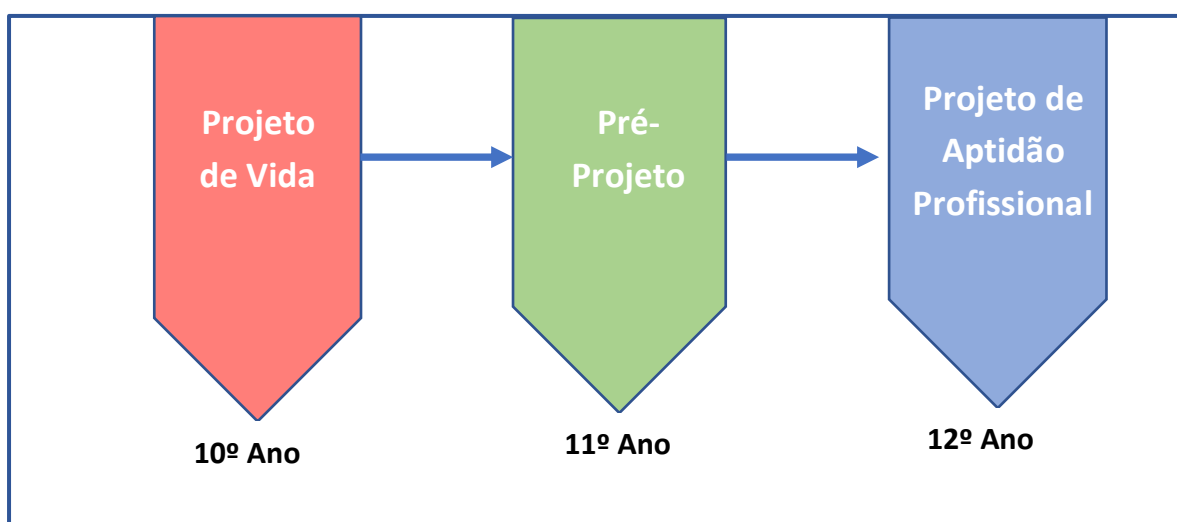


Figura 1: Projetos Finais da Unidade Curricular

Segundo Serrano (2008) a avaliação compreende pelo menos, quatro funções principais: medida, pode ser instrumento de apoio para a tomada de decisões, de processo de formação e de aprofundamento da democracia participativa. A avaliação, não é mais do que uma comparação de resultados obtidos. Tem como principal objetivo, comparar as competências empreendedoras nestes jovens, antes e depois da aplicação do projeto de intervenção, para que seja realmente possível analisar o impacto da intervenção.

“Avaliar é comparar num determinado instante, o que foi alcançado mediante uma ação e o que se deveria ter alcançado de acordo com uma prévia programação” (Espinoza; cit. Serrano, 2008). Segundo a figura abaixo onde de forma sucinta está esquematizado

o processo de avaliação no decorrer de um processo de desenvolvimento de competências empreendedoras.

Avaliação do desenvolvimento de competências empreendedoras

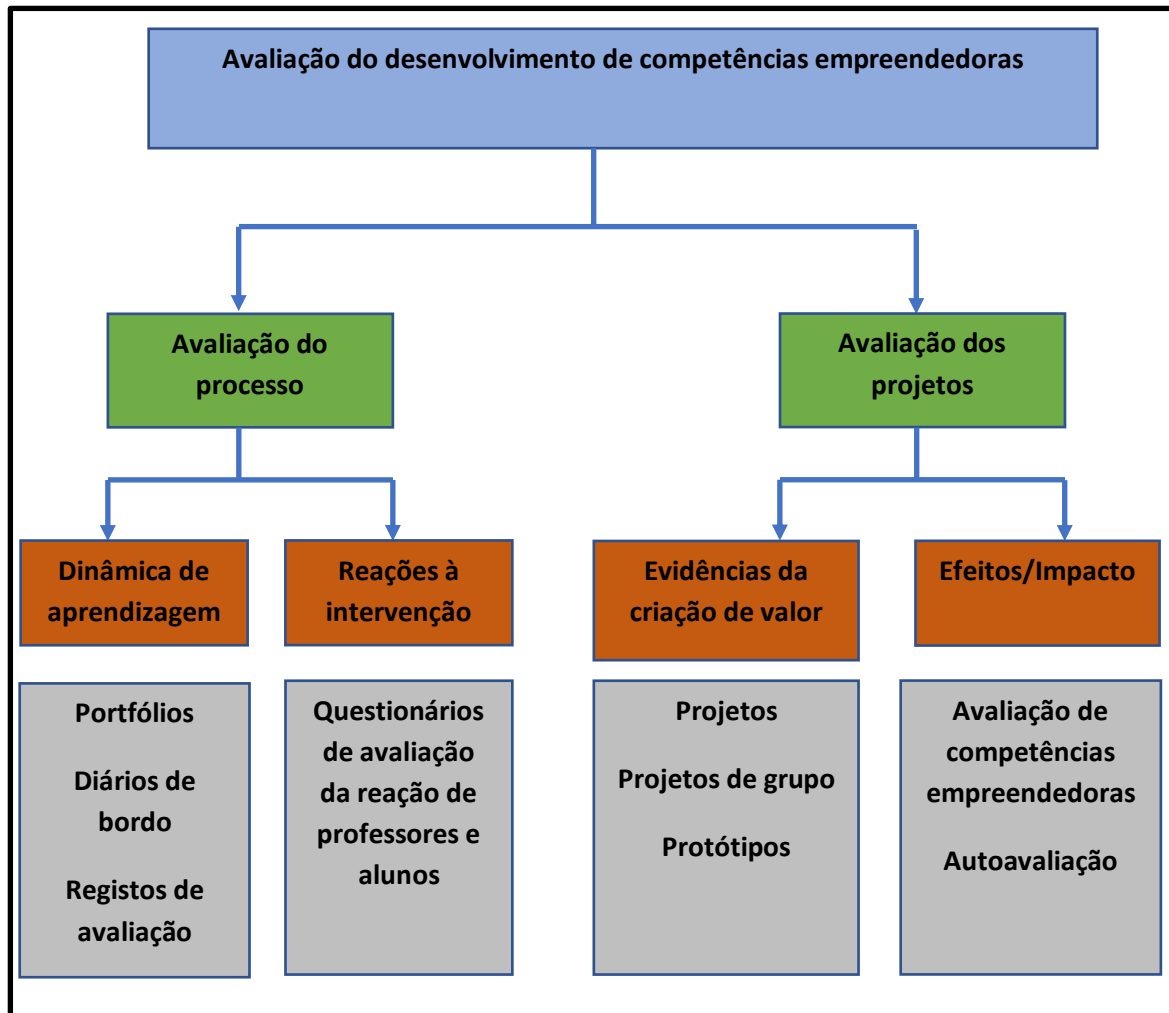


Figura 2: Avaliação do desenvolvimento de competências empreendedoras, adaptado (Fontes, 2016)

Será efetuada uma avaliação de acompanhamento também conhecida como On-Going, no decorrer do projeto, esta avaliação permite avaliar os pontos fracos e fortes, vai ser aplicada às atividades executadas e vai permitir saber se estão a correr dentro do previsto.

A avaliação será feita por aplicação de questionários, no decorrer (final de cada trimestre) e no final do projeto (final do ano letivo). Será também feita uma avaliação através da direta observação de comportamentos, conversas informais, a fim de perceber se o problema inicial que levou à criação do projeto se mantém ou se melhorou. Como forma de avaliação serão também feitas reuniões com a equipa multidisciplinar, de cariz mensal.

O projeto será aplicado gradualmente a uma turma de 10ºano, que conseqüentemente quando passar para o 11º dará continuidade ao mesmo até ao 12º ano, será feita uma avaliação à qualidade dos materiais produzidos e às aprendizagens dos jovens por forma a manter a estrutura curricular ou fazer alterações caso necessário

CONCLUSÃO

O empreendedorismo é um tema que tem vindo a ganhar importância ao longo dos tempos, seja falado em termos empresariais como em termos sociais. No entanto e apesar de já algumas medidas terem sido tomadas, há ainda um longo caminho a percorrer no que se refere à educação empreendedora, nomeadamente no ensino profissional, “é hoje em dia claramente consensual que a escola, enquanto contexto de desenvolvimento de todos os indivíduos, deve assumir, (...), um papel central no processo de construção de significados pessoais e sociais dos alunos e de compreensão dos fenómenos do mundo envolvente. Neste sentido, qualquer intervenção desenvolvida em contexto escolar com vista à promoção do desenvolvimento de competências empreendedoras assume-se, ela própria, como um elemento integrante deste processo construtivo e desenvolvimento dos alunos, facto que remete para a relevância da problematização desta questão segundo o ponto de vista do desenvolvimento psicológico.”(Fontes, 2016: p.53)

Os jovens do ensino profissional têm capacidades empreendedoras e trabalham-nas muitas vezes de forma inconsciente com base em trabalhos que desenvolvem ao longo dos cursos e da sua experiência em Formação em Contexto de Trabalho (FCT), no entanto o facto de não existirem diretrizes concretas sobre que competências estão a trabalhar e enquanto não o fizerem de fora orientada para a sua melhoria irão sempre existir lacunas.

Aprender com vista a um futuro onde possam aplicar esses conhecimentos de forma prática e sustentada, como a criação da própria empresa, a continuação dos estudos ou o desenvolvimento do seu projeto de vida. Neste contexto pode-se falar de educação empreendedora enquanto responsável pelo desenvolvimento da motivação, da

potenciação de competências e de experiências que permitam aos jovens criar, gerir e implementar de forma sustentável projetos de valor para o seu futuro. (Rasmussen et.al., 2015).

Estes jovens apresentam capacidades empreendedoras que necessitam potenciar e desenvolver com vista à estruturação de um futuro melhor, muitos deles, segundo as evidências do estudo realizado não têm perspectivas futuras de organização da vida profissional. Os que conseguem já fazer uma projeção do futuro têm manifestado interesses empreendedores que se relacionam na grande maioria com a área de trabalho dos pais inserindo-se no entanto em outro setor (por exemplo, não sendo agricultor, sendo engenheiro agrónomo, trazendo assim a inovação para o contexto das empresas familiares.

Apesar das limitações do estudo, nomeadamente a nível temporal para a sua realização, o facto de apenas ter sido aplicado a uma escola o que o transformou num estudo de caso e a sua análise estatística e não correlacional, as mesmas não impediram que se retirassem conclusões interessantes em relação a estes jovens e que se desse resposta à questão de partida “Quais as competências empreendedoras nos jovens do ensino profissional?” são na sua maioria jovens com competências empreendedoras nomeadamente a nível das competências criadoras, realizadoras, identificadoras de oportunidades e respeitadoras. Apresentam algumas fragilidades relativamente às competências intraempreendedoras, nomeadamente para as competências de gestão do risco, orientadas para a ação e principalmente nas competências orientadas para o trabalho em grupo.

Como sugestões, seria interessante desenvolver o estudo, alargando-o a outras escolas, explorar os dados recolhidos de forma correlacional, podendo explorar outras questões

relevantes para o estudo, menciona-se também o facto de se terem verificado diferenças de género relativamente às competências empreendedoras, mostrando que os participantes do género masculino apresentam mais competências empreendedoras do que o género feminino, o que leva também a pensar que seria interessante aprofundar este estudo no domínio do empreendedorismo no feminino.

Relativamente à viabilidade do projeto de intervenção “Projeto de Vida & Empreendedorismo nos Jovens do Ensino Profissional”, considera-se que o mesmo poderia ser exequível e que seria um excelente ponto de partida para trabalhar competências nestes jovens. No entanto reconhece-se também que seria um projeto moroso, que envolveria vários atores do contexto escolar e empresarial local. Os objetivos gerais e específicos do projeto de intervenção são os já anteriormente mencionados: desenvolvimento de uma disciplina de empreendedorismo direcionada para o desenvolvimento de competências, desenvolvimento de competências pessoais e de florescimento dos jovens e a criação de um projeto de aptidão profissional empreendedor. Acreditamos que com base nas atividades propostas para as várias fases de projeto os objetivos traçados seriam alcançados.

Conclui-se que uma intervenção e educação empreendedora baseada em estímulos positivos, diferenciação pedagógica e pedagogia positiva orientam os jovens de forma eficaz para um futuro feliz, promissor e empreendedor.

BIBLIOGRAFIA

Andrade, M.M., (2009). *Introdução à Metodologia do Trabalho Científico*. São Paulo: Atlas.

Arturo, E. (2001). *O Conceito de Desenvolvimento*. Lima: Universidade Maior de San Marcos. Disponível em: <https://alfarcolectivo.files.wordpress.com/2011/05/una-minga-para-el-postdesarrollo1.pdf>.

Azevedo, J. (2009). *Escolas Profissionais 1989-2009: As Oportunidades e os Riscos de uma Inovação Educacional que viajou da Margem para o Centro*. Propuesta Educativa da Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais, pp. 12-49.

Bronk, K. C. (2012). *A Grounded theory of the development of noble youth purpose*. Journal of Adolescent Research, 27(1) 78–109.

Caetano, A., Santos, S. C., & Costa, S. F. (2012). *Psicologia do empreendedorismo*. Lisboa: Editora Mundos Sociais.

Carmo, M. & Ferreira, H. (1988). *Metodologia da Investigação*. Lisboa: Universidade Aberta.

Cerqueira, M. d., & Martins, A. M. (2011). *A consolidação da Educação e Formação Profissional na Escola Secundaria nos últimos 50 anos em Portugal*. Revista Lusófona de Educação, 17, pp. 123-145.

Cervo, A. L.; Silva, R. *Metodologia científica*. 6. ed. São Paulo: Prentice Hall Brasil, 2007
Cunha, M. P., Cunha, J. V., & Kamoche, K. (2000). The age of emergence: Toward a new organizational mindset. In M. Abdelsamad & E. Myers (Eds.), *Selected*

readings from the Society for Advancement of Management international management conference (pp. 229-234). Corpus Christi, TX: SAM

Cunha, M. P.(2007). *Comportamento organizacional positivo e empreendedorismo: uma influência mutuamente vantajosa*. Comportamento Organizacional e Gestão, Vol.13, Nº1, 93-114.

Cunningham, A.E.; Zibulsky, J.; Callaham, M.D.:(2009). *Starting small: Building preschool teacher knowledge that supports early literacy development*. Read Writ, 22, 487-510.

Damon, W. (2008). *O que o Jovem quer da Vida? Como pais e professores podem orientar e motivar os adolescentes*. São Paulo: Summus.

Dolabela, F., Fillion, L.J. *Fazendo Revolução no Brasil: a introdução da pedagogia empreendedora nos estágios iniciais da educação*. Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas, v.3, n.2, p. 134-181, 2013.

Dornelas, J. (2003). *Empreendedorismo Corporativo*. Rio de Janeiro: Editora Campus.

Dornelas, J. (2014). *Empreendedorismo – Transformando Ideias em Negócios* (5ª edição). Rio de Janeiro: LTC – Livros técnicos e científicos, Editora Ltda.

Duening, T. (2008). *Five Minds for the entrepreneurial future: cognitive skills as the intellectual foundation for next generation entrepreneurs curricular*. Proceedings. USA SBE.256-274.

Erikson, E. H. (1976). *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar.

Faria, M. (2010). Questionário de Competências Empreendedoras (QCE): Aplicação a estudantes do Ensino Superior. *IN I Seminário Internacional “Contributos da*

Psicologia em Contextos Educativos”. Universidade do Minho. Braga, 2010, p.287-301.

Faria, M. (2017). Florescimento dos Jovens na Escola. *Revista de Estudios e Investigacion en Psicología Y Educación, Extr.05, A5-023*.

Faria, M. (2018). *Promoção de Competências Empreendedoras para o Desenvolvimento Socioprofissional de Estudantes do Ensino Superior*. Universidade do Algarve, Faro.

Ferreira, M.J. e P. Campos (2009). *O Inquérito Estatístico: uma introdução à elaboração de questionários, amostragem, organização e apresentação dos resultados. Um Mundo para Conhecer os Números*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.

Ferreira, T. B. (2017). Ensino Profissional Aumentou em Alunos e Turmas, <https://www.publico.pt/2017/12/14/sociedade/noticia/ensino-profissional-aumentou-em-alunos-e-turmas-1795946>

Fontes, M. (2016). *Desenvolvimento de competências empreendedoras em contexto escolar: Estudo do impacto de uma intervenção*. Universidade da Beira Interior, Covilhã.

Freitas, I. A.; Brandão, H. P. (2006). *Trilhas de aprendizagem como estratégias de TD&E*. Porto Alegre: Artmed..

Gardner, H. (2007). *The five minds for the future*. Cambridge. MA: Harvard Business School Press.

GETAP, G. d. (1992). *Estrutura modular nas escolas profissionais*. Lisboa: Ministério da Educação.

Gil, A. C. (2008) *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6^a Ed. Editora Atlas S.A. São Paulo. Brasil

Grácio, S. (1998). *Ensinos Técnicos e Política em Portugal 1910/1990*. Lisboa: Instituto Piaget.

Grebel, T. (2004). *Entrepreneurship a new perspective* (1^a edition). London: Routledge.

Guerra, M.J.; Graziotin, Z.J. (2010). *Educação empreendedora nas universidades brasileiras*. Rio de Janeiro: Elsevier.

Gunther, I.A & Gunther, H. Brasília pobres, Brasília ricas: perspectivas de futuro entre adolescentes. *Psicologia Reflexiva Crítica*, v. 11, n. 2, Porto Alegre, 1998.

Ilie, V. (2014). Developing Entrepreneurial Competencies in Students Through Constructivist. *Education Journal*, 3(5): 293-302.

Lackéus, M. (2015). *Entrepreneurship in Education: What, Why, When, How*. Paris: OECD. Disponível em http://www.oecd.org/cfe/leed/BGP_Entrepreneurship-in-Education.pdf

Lane, S., Codo, W.(1997). *Psicologia Social: o homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense.

Lima, E.; Lopes, R.M.A.; Nassif, V.M.J.; Silva, D. Opportunities to improve entrepreneurship education: contributions considering Brazilian Challenges. *Journal of Small Business Management*, v.53, n.4, p. 1033-105, 2015.

Lima, E.; Hashimoto, M.; Melhado, J.; Rocha, R. (2014) *Brasil: em busca de uma educação superior em empreendedorismo de qualidade*. Curitiba: Agência de Inovação da UFPR.

Lisboa, M. D. (2002). A formação de orientadores profissionais: um ato comprometido com a construção de um papel profissional consciente e ético num mundo em turbulência. *Workshop de Técnicas de Orientação Profissional*, 3. Florianópolis: LIOP. (Resumo).

Lopes, R.M.A.; Teixeira, M.A.A. *Educação empreendedora no ensino fundamental*. Rio de Janeiro: Elsevier.

Malacarne, R.; Brustein, J.; Brito, M.D. (2014). *Formação de técnicos agropecuários empreendedores: o caso do IFES e sua participação na OBAP*. Curitiba: Agência de Inovação da UFPR.

Marconi, M.; Lakatos, E.M. (2007). *Técnicas de Pesquisa*. São Paulo: Atlas.

Moreland, N. (2006). Entrepreneurship and higher education: an employability perspective. *Learning & Employability - series one*. York-UK: The Higher Education Academy.

Morrison, A.; Bergin, S.(2002). Pro-Growth small businesses: Learning "Architecture". *Journal of Management Development*, v. 21, n. 5, p. 388-400.

Mullineaux, P.Y.; Deckard, K. D.; Petrill, S. A.; Thompson, L.A.(2009). *Effortful control, surgency, and reading skills in middle childhood*. *Read Writ* 22: 107-116.

Naia, A. M. P. (2009). *Importância da Formação Inicial no Empreendedorismo. Estudo do percurso empreendedor de licenciados da FMH*. Dissertação de Mestrado em

Ciências da Educação. Universidade de Lisboa: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação. Lisboa

Nascimento, I. P. (2006). Projeto de vida de adolescentes do ensino médio: um estudo psicossocial sobre suas representações. *Imaginário*, jun. 2006, vol.12, n. 12, p.55-80.

Ortega y Gasset, J. (1983). *La Rebelión de las Masas*. Revista de Occidente, Madrid: Alianza Editorial.

Parlamento Europeu, (2016). *Relatório da comissão ao parlamento. Programa para a Competitividade das Empresas e das PME 2014-2020*. Bruxelas. Disponível em: <http://ec.europa.eu/transparency/regdoc/rep/1/2016/PT/1-2016-526-PT-F1-1.PDF>.

Pinchot, G. Pellman R. (2004). *Intraempreendedorismo na Prática: um guia de inovação nos negócios*. Rio de Janeiro: Elsevier.

POLITIS, D.(2005). *The process of entrepreneurial learning: A conceptual framework*. Entrepreneurship Theory and Practice, p. 399-424.

Quivy, R., & Campenhoudt, L. Van. (2005). *Manual de investigação em Ciências Sociais* (4ª edição.). Lisboa: Gradiva.

RAE, D. (2005). *Entrepreneurial learning: A practical model from the creative industries*. *Education + Training*, v. 46, n. 8/9, p. 492-500.

RAPOSO M. e PAÇO, A. (2011). *Entrepreneurship education: Relationship between education and entrepreneurial activity*, University of Beira Interior, Psicothema 2011. Vol. 23, no 3, pp. 453-457

Rasmussen, A., Moberg, K., & Revsbech, C. (2015). *A taxonomy of entrepreneurship education - Perspectives on goals, teaching and evaluation*. Odense C: Danish Foundation for Entrepreneurship – Young Enterprise. Disponível em <http://eng.ffe-ye.dk/knowledge-centre/entrepreneurship-education/taxonom>.

Roesch, Sylvia Maria Azevedo. (1999). *Projetos de estágio do curso de administração: guia para pesquisas, projetos, estágios e trabalho de conclusão de curso*. São Paulo: Atlas.

Sánchez, J. C. (2013). The Impact of an Entrepreneurship Education Program on Entrepreneurial Competencies and Intention. *Journal of Small Business Management*, 51(3), 447–465. doi:10.1111/jsbm.12025.

Seligman, M. E. P. (2011). *Florescer - uma nova e visionária interpretação da felicidade e do bem-estar*. Rio de Janeiro: Objetiva.

Seligman, M. E.P (2012). *A vida que floresce – Um novo conceito visionário da felicidade e do bem-estar*. Alfragide: Estrela Polar. ISBN:978-989-2068-1-7.

Santos, M.; (2016). *As vozes dos alunos de uma escola profissional sobre o ensino profissional – um estudo*. Universidade Aberta: Lisboa.

Sarkar, S. (2010). *Empreendedorismo e Inovação* (2ª edição). Lisboa: Escolar Editora.

Serrano, Ana M. S. P. H; Afonso, J. L. 2008. Country Report of Portugal. *In Early Childhood Education on Inclusive Settings : Basis, background and framework of Inclusive Early Childhood Education in five European countries, France, Germany, Hungary, Portugal and Sweden.* , ed. M.Kron , 0 - 0. . Siegen: ZPE.: Siegen: ZPE

Silva, C.; Lopes, R.(2009). *Adolescência e Juventude: entre conceitos e políticas públicas*. Cadernos de Terapia Ocupacional, São Carlos, v. 17, n. 2, p. 87-106.

UNCTAD Secretariat (2011). *“Entrepreneurship Education, Innovation and Capacity-Building in Developing Countries, “ United Nations Conference on Trade and Development (UNCTAD), Genebra. Disponível em: http://unctad.org/en/docs/ciimem1d9_en.pdf.*

UNCTAD, Secretariat (2015). *“Division on Investment and Enterprise: Results and Impact – report 2015, “ United Nations Conference on Trade and Development. Genebra. Disponível em: http://unctad.org/en/PublicationsLibrary/diae2015d1_en.pdf.*

UNESCO (1988). *Rapport National du Portugal*. Genève: UNESCO/Ministério da Educação.

Wong,P.K.,Ho,Y.P.,&Autio,E.(2005).Entrepreneurship,InnovationandEconomicGrowth : Evidence from GEM data. *Small Business Economics*, 24(3), 335–350. doi:10.1007/s11187-005-2000-1.

APÊNDICES

APÊNDICE I

Guião do Questionário aos Alunos do Ensino Profissional Sobre as Perspetivas Futuras da Profissão

Guião do Questionário aos Alunos do Ensino Profissional Sobre as Perspetivas Futuras da Profissão

Objetivo	Dimensão	Sub-dimensão	Questões
Caraterizar os participantes	Caraterização dos participantes	<ul style="list-style-type: none"> - Género - Idade - Ano escolaridade - Profissão dos pais - Escolaridade dos pais 	<ul style="list-style-type: none"> - Os pais trabalham por conta própria? - Existe na família tradição da criação da própria empresa/negócio?
Identificar perspetivas futuras de profissão	Perspetivas futuras de profissão	- Em que área perspetiva exercer a sua futura profissão.	<ul style="list-style-type: none"> - Qual a profissão que gostavas de exercer no futuro? - Qual a profissão mais provável que venhas a exercer?
Conhecer a motivação para continuar os estudos	Motivação para continuar os estudos	<ul style="list-style-type: none"> - Estudos de nível V - Ensino Superior 	<ul style="list-style-type: none"> - Pretendes prosseguir os estudos? <li style="text-align: center;">Sim___ Não___ - Porquê?

Saber se pretende criar uma empresa/negócio	Criação da própria empresa/negócio	- Criar o próprio emprego.	<p>- Pensas criar a tua própria empresa/negócio?</p> <p>Sim___ Não___</p> <p>- Porquê?</p> <p>- Que tipo de empresa?</p>
Saber se considera importante a criação de uma disciplina de empreendedorismo na escola	Criação de uma disciplina de empreendedorismo	- Aprendizagem sobre a forma de criação do próprio emprego.	<p>- Achas importante a existência de uma disciplina de empreendedorismo na escola?</p> <p>Sim___ Não___</p> <p>- O que deveria ensinar?</p>

Apêndice II

Questionário aos Alunos do Ensino Profissional
sobre as Perspetivas Futuras da Profissão

Questionário aos Alunos do Ensino Profissional sobre as Perspetivas Futuras da Profissão

1. Caraterização do aluno

Idade: _____ Género: _____ Ano de
escolaridade: _____
Curso: _____ Instituição: _____

1.1 Os pais trabalham por conta própria? _____

1.2 Profissão do Pai _____ Ano de escolaridade _____

1.3 Profissão da Mãe _____ Ano de escolaridade _____

1.4 A família tem tradição de criação da própria
empresa/negócio? _____

Qual? _____

1.5 Gostavas de seguir a tradição da família?

Porquê? _____

2. Perspetivas futuras sobre a profissão.

2.1 Qual a profissão que gostavas de exercer no futuro? _____

2.2 Qua a profissão mais provável que venhas a exercer? _____

3. Motivação para continuar os estudos.

3.1 Pretendes continuar os estudos quando terminares o 12º ano?

Sim Não

Porquê? _____

4. Perspetiva pessoal de competências empreendedoras.

4.1 Pensas criar a tua própria empresa/negócio?

Sim Não

Porquê? _____

Que tipo de empresa? _____

5. Criação de uma disciplina de empreendedorismo.

5.1 Achas importante a existência de uma disciplina de empreendedorismo na escola?

Sim Não

5.2 O _____ que _____ deveria ensinar? _____

6. Gostarias de dizer mais alguma coisa/informação/reflexão/ sugestão sobre o teu futuro profissional

APÊNDICE III

Guião da Entrevista ao Professor sobre as Perspetivas Futuras de Profissão dos Alunos do Ensino Profissional

Guião da Entrevista ao Professor Sobre as Perspetivas Futuras de Emprego dos Alunos do Ensino Profissional

Objetivo	Dimensão	Sub-dimensão	Questões
Caraterizar os participantes	Caraterização dos participantes	<ul style="list-style-type: none"> - Género - Idade - Habilitações - Quantos anos dá aulas 	<ul style="list-style-type: none"> - Idade - Habilitações - Há quantos anos dá aulas? - Funções que desempenha na escola?
Identificar perspetivas futuras de profissão	Perspetivas futuras de profissão	- Em que área perspetiva que estes alunos venham a exercer uma profissão?	- Qual a sua perspetiva em relação à futura profissão dos seus alunos?
Conhecer a motivação para a continuação dos estudos	Motivação para continuar os estudos	<ul style="list-style-type: none"> - Estudos de nível V - Ensino Superior 	- Qual a motivação que os alunos têm para continuar os estudos?
Saber se acham possível que os alunos possam criar uma empresa/negócio	Criação da própria empresa/negócio	- Criar o próprio emprego.	- Pensa que estes alunos têm competências para a criação da própria empresa? Porquê?

			- O que acha que a escola poderia fazer mais, para potencializar essas capacidades?
Saber se considera importante a criação de uma disciplina de empreendedorismo na escola	Criação de uma disciplina de empreendedorismo	- Aprendizagem sobre a forma de criação do próprio emprego.	- Acha importante a existência de uma disciplina de empreendedorismo na escola? - O que deveria ensinar? - Mais alguma coisa que gostasse de acrescentar em relação à temática abordada?

APÊNDICE IV

**Entrevista aplicada ao Professor sobre as Perspetivas futuras de
Profissão dos Alunos do Ensino Profissional**

Guião de Entrevista

1 – Quais as suas perspetivas em relação à futura profissão dos seu alunos?

2 – No seu entendimento qual a motivação que os alunos da Escola têm para continuar os estudos?

3 – Considera que estes alunos têm competências para a criação da própria empresa?
Porquê?

4 – O que é que acha que a Escola poderia fazer mais, para potenciar essas competências?

5 – Considera que seria importante a existência de uma disciplina de empreendedorismo na escola? O que deveria ensinar?

6 – Mais alguma coisa que gostasse de acrescentar, em relação às competências destes alunos ou a toda a temática em questão?

APÊNDICE VI

ENTREVISTA TRANSCRITA

Entrevista

Caraterização do Participante:

48 anos, licenciado em Informação turística e Pós Graduado em Turismo, Património e Cultura, é professor há 25 anos.

Desempenha vários cargos na escola, nomeadamente, Diretor de curso, orientador de PAP's, presta assessoria à direção, pertence ao conselho pedagógico, entre outros cargos.

1 – Quais as suas perspetivas em relação à futura profissão destes alunos?

Daquilo que eu conheço dos alunos, o que posso dizer é que, se eles tiverem oportunidade de seguir uma carreira na parte turística e se houver essa possibilidade á saída do curso, tenho muito essa noção, se houver ofertas, se houver, possibilidades de emprego eles seguem o turismo. Se não há sempre principalmente nos cursos de TT, que tem a ver como isto pode ser a base para uma multiplicidade de saídas profissionais de acordo com aquilo que aparece quando eles acabam o curso, que é uma realidade que acontece muito. Em relação aos TPA's, é muito mais simples, geralmente os alunos TPA vêm para o curso por afinidade ou por questões familiares porque eles próprios estão ligados à terra logo á partida, ou seja, grande parte deles têm já uma perspetiva do que vão fazer quando acabarem o curso, quer seja trabalhar na terra da própria família, quer seja trabalhar num conjunto de empresas ou entidades ligadas ao mundo rural que eles já conhecem anteriormente, é isso que acontece.

2 – No seu entendimento qual a motivação que os alunos aqui da escola têm para continuar os estudos?

Os que prosseguem os estudos é por uma questão de filosofia de vida, são...vamos lá ver...são os bons alunos que consideram que a educação tem valor e que contribui para uma melhoria das condições de vida deles próprios, ou seja, a formação que eles vão obter no prosseguimento dos estudos, será e penso eu que a grande maioria pensa assim, para uma melhoria das condições de vida, para uma profissão, para uma vida digna, penso que é por aí.

3 – Considera que estes alunos têm competências para a criação da própria empresa? Porquê?

Eu acho que eles competências têm, agora a motivação e o desejo acho que é mais difícil, ou seja, não é que eu não ache que eles não sejam capazes de o fazer, porque penso que a esmagadora maioria seria. Agora daí até dar o passo para fazer isso, é outra questão, nomeadamente porque eles têm a percepção que tudo isso é muito moroso e muito complicado, em termos de financiamento, em termos burocráticos. Mesmo assim eu acho que preferem mesmo tendo as condições, trabalhar para outrem e estarem descansados.

4 – O que é que acha que a escola poderia fazer mais, para potenciar essas competências?

Falta talvez uma questão de escola que tenha a ver com a implementação da metodologia do trabalho de projeto, ou seja, eles têm que trabalhar, ou deveriam trabalhar, desde que entram na escola, em pequenos projetos, ou grandes projetos, mas projetos que exigissem deles justamente colocar em prática essas competências: - criação de emprego, criação de oportunidades e de organização, penso que talvez é isso

que falhe aqui na escola, ainda temos muitas dificuldades em implementar esse modelo de ensino e preparação para o mundo do trabalho.

5 – Considera que seria importante a existência de uma disciplina de empreendedorismo na escola? O que deveria ensinar?

Eu penso que sim, que poderia ser interessante, exatamente se fosse no sentido de lhes dar, lá está, a motivação e a possibilidade e de facto, vamos lá ver, a possibilidade que lhes deveria permitir uma coisa muito importante que era, não só ensinar as bases teóricas, mas chegar ao fim e permitir a criação efetiva de projetos onde eles trabalhassem e pudessem ver os frutos do seu trabalho, os frutos do empreendedorismo, o que é fazer um projeto até ao final, e o que isso pode ser bom para eles, enquanto trabalhadores e responsáveis do seu próprio futuro e da sua própria vida profissional.

6 – Mais alguma coisa que gostasse de acrescentar, em relação às competências destes alunos ou a toda a temática em questão?

Gostaria muito que de certa forma toda a informação para aquilo que é o suporte teórico do empreendedorismo deixasse de ser tão efetivamente teórico e passasse a ser mais prático. Acima de tudo que mostrasse resultados aos alunos, eles têm de começar a perceber como é que é no fim, os benefícios de ser empreendedor e criar o seu próprio negócio, mas isto, numa perspetiva já de ver as coisas a funcionar. Não tanto aquela teoria do que é que é, porque isso eu penso que todos eles sabem, todos nós sabemos, mas falta se calhar essa passagem para o próximo passo, que é ver as coisas a funcionar, ver os projetos a funcionar e eles perceberem o que é que pode ser bom eles.

ANEXOS

ANEXO I

Questionário de Competências Empreendedoras (QCE)

Questionário de Competências Empreendedoras (Faria, 2010)

Centre-se sobre a sua maneira de ser habitual e responda de forma espontânea, sincera e sem pensar muito. A partir de uma escala de 1 a 5 (não concordo, concordo pouco, concordo, concordo muito, concordo muitíssimo), emita o seu grau de concordância sobre a forma como as afirmações enunciadas o(a) caracterizam, iniciando com *De uma maneira geral...*
 Leia com atenção as afirmações que a seguir se apresentam e responda assinalando com um círculo ou uma cruz no número que corresponde à sua opinião.

<i>De uma maneira geral...</i>	Não concordo	Concordo pouco	Concordo	Concordo muito	Concordo muitíssimo
1. Os outros consideram-me uma pessoa com "visão" (previsão ou antecipação do futuro).	1	2	3	4	5
2. Adapto-me com facilidade à diversidade de situações.	1	2	3	4	5
3. Sei que consigo levar os outros a concordarem com as minhas ideias.	1	2	3	4	5
4. Considero-me uma pessoa dinâmica e proactiva.	1	2	3	4	5
5. Tenho confiança em mim própria(a).	1	2	3	4	5
6. Considero-me uma pessoa que sabe gerir o seu tempo.	1	2	3	4	5
7. Sou uma pessoa que assumo o risco de tentar agarrar uma oportunidade.	1	2	3	4	5
8. Tenho facilidade em escutar e colocar-me na perspectiva do outro.	1	2	3	4	5
9. Seja qual for a situação procuro sempre agir com rectidão e honestidade.	1	2	3	4	5
10. Procuro cumprir as regras e manter a ordem de modo a realizar sempre as tarefas propostas.	1	2	3	4	5
11. Nunca desisto das minhas ideias ou tarefas.	1	2	3	4	5
12. Qualquer que seja a situação tento adaptar uma atitude compreensiva.	1	2	3	4	5
13. Sou uma pessoa que pensa e se preocupa com os outros.	1	2	3	4	5
14. Sou conhecido por ser uma pessoa trabalhadora.	1	2	3	4	5
15. Sinto-me motivado para me realizar profissionalmente.	1	2	3	4	5
16. Sou uma pessoa que se empenha com cuidado naquilo que faz.	1	2	3	4	5
17. Frequentemente digo a mim próprio para não desanimar e seguir.	1	2	3	4	5
18. Nunca me escapa uma boa oportunidade de investimento.	1	2	3	4	5
19. Gosto de planejar e trabalhar de forma autónoma.	1	2	3	4	5
20. Sou capaz de mudar e planificar uma mudança.	1	2	3	4	5
21. Gosto de trabalhar em grupo e procuro ser sempre colaborante.	1	2	3	4	5
22. Mantenho a calma e consigo pensar e trabalhar em situações de tensão.	1	2	3	4	5
23. Não tenho medo de tomar uma atitude arrojada.	1	2	3	4	5
24. Expresso bem as minhas ideias e capto a atenção dos outros.	1	2	3	4	5
25. Consigo criar relações sociais positivas com facilidade.	1	2	3	4	5
26. Sou considerada uma pessoa com bom sentido de humor.	1	2	3	4	5
27. Não tenho por hábito adiar o que posso fazer hoje.	1	2	3	4	5
28. Tenho espírito para evoluir em grupo.	1	2	3	4	5
29. Sou uma pessoa que presta atenção ao pormenor.	1	2	3	4	5
30. Sou uma pessoa com sentido de responsabilidade.	1	2	3	4	5
31. Consideram-me uma pessoa criativa e inovadora.	1	2	3	4	5
32. Sei aquilo que quero pelo que não me aflijo tomar decisões.	1	2	3	4	5
33. Sou uma pessoa com aptidões para planejar, coordenar e organizar empreendimentos.	1	2	3	4	5
34. Faço a um empreendimento sou capaz de desenvolver e apoiar a sua utilização adequada ao contexto de trabalho.	1	2	3	4	5
35. O meu conhecimento e formação técnica têm sido muito úteis para os meus empreendimentos.	1	2	3	4	5
36. Considero-me uma pessoa determinada para alcançar o sucesso.	1	2	3	4	5